

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
MESTRADO EM LETRAS E CULTURA REGIONAL**

WU XIAO MEI

**LINGUAGEM, INTERAÇÃO SOCIAL E CULTURA:  
ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO CHINÊS-PORTUGUÊS POR  
IMIGRANTES CHINESES NO RIO GRANDE DO SUL**

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

Caxias do Sul, 2007

**WU XIAO MEI**

**LINGUAGEM, INTERAÇÃO SOCIAL E CULTURA:  
ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO CHINÊS-PORTUGUÊS POR  
IMIGRANTES CHINESES NO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada à coordenação do curso de  
Mestrado em Letras e Cultura Regional da  
Universidade de Caxias do Sul para obtenção do  
título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

**Caxias do Sul, 2007**



□□□

□□: □□

□ □ □ □ □ □  
□ □ □ □ □ □  
□ □ □ □ □ □  
□ □ □ □ □ □

Tradução:

### **PENSAMENTO NA NOITE SILENCIOSA**

Li Bai

Vejo a luz da lua clara na minha cama,  
isso me faz lembrar da geada no chão,  
levanto a cabeça e olho para a lua clara,  
baixo a cabeça e penso na minha terra natal.

Fonte da imagem: <http://greenapple2002.51.net/new/poem300/poem8.htm>. Acesso em: 24/7/2007.

## AGRADECIMENTOS

Na caminhada para a realização deste trabalho, algumas pessoas com as quais que cruzei contribuíram direta e indiretamente e, graças a elas, a sua concretização tornou-se possível. Gostaria de agradecer a todos, indistintamente, pelas variadas colaborações, todas importantes para mim:

- à minha família, minha fonte de inspiração e “fortaleza”, pelo amor e apoio incondicional;
- à Profa. Dra. Elisa Battisti, pela orientação e apoios fundamentais;
- ao meu irmão, pela colaboração e incentivo;
- à família Pan, pelas entrevistas concedidas e amizade;
- à coordenação do curso de Mestrado em Letras e Cultura Regional, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), pelo apoio;
- aos professores do curso de Mestrado em Letras e Cultura Regional da UCS, pelo ensino e pela aprendizagem;
- à CAPES e à UCS, pelo apoio financeiro;
- à Profa. Ms. Adriane Serafini Homann e à turma de Inglês Médio I, do Curso de Letras da UCS, pela oportunidade de realização de estágio em docência;
- à secretaria do curso de Mestrado em Letras e Cultura Regional da UCS, pela colaboração;
- aos meus alunos de Chinês e Inglês, pela compreensão e colaboração;
- aos amigos e colegas do curso de Mestrado, pela amizade.

## RESUMO

Neste trabalho, estuda-se a alternância de código chinês-português por imigrantes chineses que moram no Rio Grande do Sul. Analisam-se vinte e duas vinhetas, coletadas durante três meses, na perspectiva da sociolinguística interacional (GOFFMAN, 2002; BLOM; GUMPERZ, 2002; TANNEN; WALLAT, 2002; AUER, 1955, 1999). As vinhetas foram agrupadas em quatro categorias: tecnologia de informação, cultura, papel emocional e papel funcional. Um quinto conjunto de vinhetas foi analisado no que se refere à interferência do chinês no português, quando da alternância de código. A análise revelou que a alternância de código, circunscrita a temas e a necessidades expressivas ligadas à tecnologia, às diferenças culturais, à expressão de emoções, aos usos funcionais, é pista para o enquadre de eventos interacionais pela conversa no cenário brasileiro, mas ainda numa perspectiva oriental. Isso se reflete na própria estrutura das seqüências alternadas do português, em que traços gramaticais do chinês se fazem presentes de forma marcante.

**Palavras-chave:** Bilingüismo. Alternância de código chinês-português. Sociolinguística interacional. Imigrantes chineses.

## ABSTRACT

This paper studies Chinese-Portuguese code-switching by Chinese immigrants in Rio Grande do Sul, Brazil. Twenty-two discourse excerpts, collected during three months, were analyzed in the interactional sociolinguistics approach (GOFFMAN, 2002; BLOM; GUMPERZ, 2002; TANNEN; WALLAT, 2002; AUER, 1955, 1999). The excerpts were grouped in four categories: information technology, culture, emotional role and functional role. A fifth set of excerpts was analyzed in what refers to the interference of Chinese on Portuguese in code-switching. The analysis showed that code-switching, circumscribed to topics and expressive needs related to technology, cultural differences, expression of emotions, functional uses, is a cue to the framing of interactional events in the Brazilian scene, but still in an eastern perspective. This state of affairs is reflected in the structure of alternated sequences in Portuguese, in which Chinese structural features are strong.

**Key words:** Bilingualism. Chinese-Portuguese code-switching. Interactional sociolinguistics. Chinese immigrants.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2</b>	<b>IMIGRANTES CHINESES NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL (RS)</b>	14
2.1	Imigrantes chineses no Brasil	14
2.2	Imigrantes chineses no RS	16
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b>	20
3.1	Região e cultura	20
3.2	Bilingüismo	23
3.2.1	<i>Graus e funções de bilingüismo</i>	24
3.2.2	<i>Tipos de bilíngüe</i>	25
3.2.3	<i>Alternância de código</i>	26
3.2.3.1	<i>Fatores implicados na escolha de línguas</i>	28
3.2.3.2	<i>Diglossia</i>	30
3.3	Sociolingüística interacional	31
3.3.1	<i>Enquadre</i>	33
3.3.2	<i>Footing</i>	36
3.3.3	<i>Situação social</i>	37
3.3.4	<i>Pistas de contextualização</i>	39
3.3.4.1	<i>Elementos estruturais da conversação</i>	41
3.3.4.1.1	Características organizacionais da conversação	41
3.3.4.1.2	Organização de turno a turno	41
3.3.4.1.3	Organização de seqüências	42
3.3.4.1.4	Organizadores globais: o caso da conversa telefônica	43
3.3.4.1.5	Marcadores conversacionais	44
3.3.4.1.6	Coerência conversacional e organização do tópico	46
<b>4</b>	<b>MÉTODO</b>	47
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b>	51
5.1	Tecnologia de informação	51
5.1	Cultura	59
5.3	Papel emocional	65
5.4	Papel funcional	69
5.5	Estrutura gramatical	75
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	87

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	90
--------------------------	----

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto a alternância de código<sup>1</sup> chinês-português na interação face a face por chineses e seus descendentes no convívio com familiares e com gaúchos no Estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil. Trata-se de um estudo de linguagem e cultura, na medida em que se buscará esclarecer elementos da história dos chineses no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, de que se tem pouco ou nenhum registro, e algumas das práticas sociais diárias desse grupo, principalmente às referentes à interação face a face pela conversa, em que, pressupõe-se, a alternância de código seja recurso empregado na construção de sentidos.

São cerca de 200 mil os chineses e seus descendentes que vivem no Brasil. Desses, uma pequena parte mora no Rio Grande do Sul, e 13 vivem em Passo Fundo, onde também residem a autora deste estudo e seu irmão. É, portanto, pequena a comunidade-alvo da pesquisa, a de bilíngües chinês-português, a que, se pensou inicialmente, o acesso seria possível devido ao fato de a pesquisadora ser um de seus membros. No entanto, a idéia de realizar estudo etnográfico em famílias de chineses e descendentes, para observar interações face a face pela conversa e obter dados relativos à alternância de código, não pôde ser viabilizada: apesar da receptividade das famílias a um primeiro contato, em que se obtiveram informações sociais dos integrantes, tais como idade, escolaridade, ocupação, tempo de residência no Brasil, as situações de convívio com as famílias não foram oportunizadas. Foi assim que o estudo passou a ter como sujeitos a pesquisadora e seu irmão, ambos chineses e bilíngües chinês-português, em interação entre si e com amigos brasileiros e chineses.

Assim como todos chineses, os sujeitos deste estudo podem falar entre si o mandarim e seu dialeto regional, no caso, o da cidade de Guiyang<sup>2</sup>; porém, na presença de brasileiros, normalmente alternam seu código de comunicação e mudam desses para o português.

Pela diversidade dialetal, é comum que os próprios chineses não entendam os dialetos uns dos outros. Portanto, em situações de comunicação cotidiana ou no trabalho,

---

<sup>1</sup>Do inglês *code-switching*.

<sup>2</sup> Os imigrantes chineses normalmente falam mandarim e dialetos, que podem ser completamente diferentes, dependendo da região de origem dos imigrantes. Por exemplo, os imigrantes da cidade de Canton falam geralmente *cantonês*; imigrantes de Taiwan falam dialeto *min nan hua*; e os imigrantes naturais de Shanghai falam o dialeto *wu*, entre outros.

quando num grupo de chineses de províncias diferentes há dificuldade de entendimento entre si, a alternância de código aparece com muita frequência: a língua falada automaticamente muda para mandarim. Ou seja, a pesquisadora e seu irmão, como boa parte de seus interactantes, eram já bilíngües: dialeto chinês-mandarim. No Brasil, a esse quadro de alternância acresce-se o uso da Língua Portuguesa.

Embora os imigrantes chineses sejam bilíngües chinês-português, é importante ressaltar que não dominam as línguas chinesa e portuguesa de igual forma, a proficiência em Língua Chinesa é geralmente maior, principalmente se o chinês chegou ao Brasil já adulto, como é o caso dos sujeitos desta pesquisa. Em situações diferentes, eles praticam essas línguas e promovem alternância de código. Em que situações os sujeitos empregam português? Quando alternam de chinês para o português? Que papel desempenha a alternância de código na construção de sentidos na conversa em interação? Essas são questões que norteiam o presente estudo.

Pertenço ao grupo mais novo de imigrantes chineses. Cheguei ao Brasil no fim de 1990, e desde então estudo e moro neste país. Nasci na China continental, e a primeira língua que estudei e aprendi a falar desde criança foi o dialeto da região Guiyang, a capital da província Guizhou (ver figura 1). Esse dialeto é falado entre os habitantes da região, e a pronúncia é bastante diferente do mandarim, a língua oficial do país. Portanto, o mandarim e o dialeto de Guiyang são considerados duas línguas de pronúncia muito distante. Entretanto, o mandarim tem um papel importante na vida cotidiana dos guiyangneses, é utilizado na TV, no rádio, no cinema, no teatro e em outros meios de comunicação. Quando criança, aprendi que embora o mandarim fosse compreendido por todos, os moradores da cidade sempre preferiam se comunicar usando o dialeto. Assim também era comigo e com minha família.



Figura 1: Mapa da China<sup>3</sup>

Quando alcancei os meus sete anos de idade, comecei a freqüentar a escola e realizei meus primeiros estudos acadêmicos e formais. Como nas outras cidades da China, o dialeto não podia ser usado na escola, e a única língua falada na sala de aula era o mandarim. Apesar de entender essa língua oficial, não sabia pronunciar-la corretamente. Assim, na escola, tive que aprender a pronúncia do mandarim como as outras crianças; não demorou muito, consegui me comunicar com os outros usando mandarim como se fosse o dialeto, sem precisar de esforço especial. Penso que isso tenha ocorrido em função da idade. De acordo com Hagège (1996), as crianças possuem grande facilidade de aprender duas línguas ou mais ao mesmo tempo, e isso funciona não somente com línguas, mas com qualquer outro conhecimento.

<sup>3</sup>Disponível em: [http://www.mines.edu/~dazhong/image/china\\_map.jpg](http://www.mines.edu/~dazhong/image/china_map.jpg). Acesso em: 9/7/2007.

Na minha infância, embora meus pais compreendessem o mandarim, eles não o dominavam oralmente. Então, a língua que sempre usava para comunicar-me em casa era o dialeto da região; porém, na escola, falava mandarim com os professores e colegas. Pode-se considerar que eu seja uma bilíngüe precoce de dialeto e da língua oficial da China.

O primeiro contato que tive com línguas estrangeiras foi com a língua inglesa. Comecei a aprender essa língua quando iniciei a 6ª série lá na China, e desde então nunca mais parei de estudar inglês, sendo que atualmente trabalho como professora também de Língua Inglesa.

Sempre tive muita vontade de conhecer outros países, e assim, quando completei meus estudos de segundo grau na China, tive uma oportunidade de vir conhecer o Brasil. Então, desembarquei em São Paulo em 1990.

Quando cheguei ao País, não sabia falar uma única palavra em português. Assim, no segundo dia da minha chegada, comecei a freqüentar aulas de português para estrangeiros na Universidade de Campinas (Unicamp). As aulas eram dadas três vezes por semana, e ministradas por uma professora doutora em lingüística, e falante nativa de português. As aulas eram totalmente ministradas em Língua Portuguesa. Freqüentei um ano desse curso, e, ao mesmo tempo, preparei-me para o exame vestibular, tendo sido aprovada no curso de Letras na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde obtive meu diploma de graduação. Após a universidade, cursei o MBA em Administração de empresas em São Paulo, e depois abri uma escola de idiomas (chinês, inglês) e informática em Passo Fundo, para onde mudei-me em 1999 e onde resido desde então.

Vivo no Brasil há mais de 15 anos, portanto, utilizo a Língua Portuguesa com muita freqüência e com facilidade na comunicação. Considero-me uma bilíngüe capacitada em ambas as línguas: chinesa e portuguesa, embora saiba que minha fala em Língua Portuguesa apresenta características do chinês reveladas em sua pronúncia e, às vezes, em sua sintaxe e morfologia. Moro com meu irmão, que é professor na Universidade de Passo Fundo (UPF), e já está no Brasil há 18 anos. Ele chegou ao Brasil em 1988, estudou e obteve seu título de doutor em Engenharia Elétrica na Unicamp. Devido à sua profissão, sempre utiliza a Língua Portuguesa para se comunicar com seus colegas e alunos, possui domínio dessa língua, e também é um bilíngüe capacitado em português e chinês.

Depois que me mudei para Passo Fundo, comecei a falar ambas as línguas diariamente, muitas vezes alternando códigos conforme a situação e com quem converso. Em casa, eu e meu irmão sempre procuramos falar chinês, embora muitas vezes também falemos português em meio aos diálogos. Já em presença de brasileiros, a Língua Portuguesa é usada com muito mais frequência e facilidade.

Goffman (2002), Blom e Gumperz (2002), Tannen e Wallat (2002) e Auer (1995, 1999) são fundamentos teóricos do presente estudo sobre alternância de código na interação face a face. São deles respectivamente as idéias de que (a) a situação social tem efeito sobre o comportamento lingüístico e (b) é redefinida ou enriquecida pela alternância de código, que (c) sinaliza propósitos comunicativos do interlocutor considerados na co-construção de relações entre os participantes – os enquadres interacionais, estruturas de expectativas a partir das quais interpretam-se as mensagens, (d) recurso semiótico que, na conversação, contextualiza atividades lingüísticas e pode, assim, ser descrito em termos não gramaticais.

Nessa linha, são objetivos deste trabalho: identificar situações sociais nas quais a interação social faz emergir a alternância de código; verificar os enquadres interacionais pela alternância estabelecidos e a interpretação da mensagem construída a partir da alternância.

O trabalho organiza-se em sete capítulos. O presente capítulo é o primeiro, a Introdução, onde traçam-se as linhas gerais da presente pesquisa. O segundo capítulo contém uma breve apresentação da história dos imigrantes chineses e de seus descendentes no Brasil e no Rio Grande do Sul (RS). No terceiro capítulo, a partir dos conceitos de região e cultura, abordam-se noções teóricas da área do bilingüismo e caracteriza-se a sociolingüística interacional como a perspectiva teórica seguida na análise dos dados, bem como a estrutura da conversação, que fornece subsídios para essa análise. O quarto capítulo traz o método, e o quinto, a análise de alternância de código realizada. O capítulo seis fecha o trabalho, com as conclusões.

## 2 IMIGRANTES CHINESES NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL (RS)

### 2.1 Imigrantes chineses no Brasil

A história dos imigrantes chineses no Brasil<sup>4</sup> começou em 1812. De acordo com Leite (1999) e com o *site* acessado, na época D. João VI autorizou a entrada de dois ou três mil chineses para trabalhar na área da agricultura, porém somente vieram em torno de 400 e, logo em seguida, eles foram enviados às plantações experimentais de chá do Jardim Botânico e da Fazenda Imperial de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Um pouco mais adiante, ainda no século XIX, o governo brasileiro procurou intensificar a vinda de chineses para substituir a mão-de-obra escrava. Cerca de quatro mil chineses entraram no País no período colonial. Esses imigrantes “trabalhavam duramente como agricultores, hortelãos, pintores, ferreiros, carpinteiros, serradores e carroceiros”, segundo o *site*. Em 1882, a Companhia de Comércio e Imigração Chinesa foi fundada. Com isso, mais de mil chineses vieram para o País, e passaram a trabalhar em uma mina em São João Del Rei, no Estado de Minas Gerais.

Depois dessa época, houve uma diminuição na imigração de chineses ao Brasil. Passado um longo período, a imigração chinesa voltou a crescer, a partir de 1949, devido à instituição do socialismo na China, após sua independência. Com isso, uma boa parte dos chineses mudou-se para Taiwan. Dali, taiwaneses começaram a buscar um novo ambiente estrangeiro para viver, o Brasil foi um dos locais prediletos desses imigrantes. Assim, iniciou-se o segundo período de grande imigração de chineses ao Brasil, quando muitos taiwaneses vieram para cá.

Essa nova leva de imigrantes era integrada por chineses mais qualificados em termos de mão-de-obra do que seus antepassados. Alguns continuaram trabalhando na agricultura, outros dedicaram-se a atividades da área urbana. Dedicaram-se ao comércio e fundaram pequenos bazares, bares, restaurantes, pastelarias, além de atuar como profissionais liberais.

Esses imigrantes casaram entre si ou com brasileiros e estabeleceram-se aqui no País. A maioria alcançou sucesso na área em que atuou. Porém, mesmo bem-sucedidos nos seus negócios no Brasil, esses imigrantes não pretendiam a mesma vida de árduo trabalho para as gerações seguintes. Portanto, investiram fortemente na educação de seus filhos. Como

---

<sup>4</sup>Disponível em: <http://www.consciencia.net/etni-cidade/chineses.htm>. Acesso em: 8/4/2006.

resultado, segundo o relato do *site*, a maior parte dos descendentes chineses destaca-se “nas áreas da engenharia, da medicina, do direito, do ensino universitário, da indústria, e também em outras atividades”.

As relações diplomáticas entre o governo da China e do Brasil foram estabelecidas em 1974. A cooperação entre os dois países tem se desenvolvido favoravelmente em todos os campos. No início da década 90 do século XX, os dirigentes dos dois países concordaram em estabelecer uma parceria estratégica duradoura, estável e de benefício mútuo, o que constitui um novo marco na história do relacionamento sino-brasileiro. A partir de então, os governos dos dois países atribuem alta relevância à cooperação bilateral e consideram a outra parte como um dos meios importantes para a concretização da pluralização de mercado. Ambos os povos têm atuado positivamente para a promoção de cooperação política, econômico-comercial e científico-tecnológica entre a China e o Brasil.

A China, com sua abertura à economia de mercado, vem demonstrando nível crescente de industrialização e um observável aumento na produção e exportação. Conseqüentemente, há tendência de crescimento nas relações de negócios com outros países. O crescimento econômico, aliado à abertura política, tem possibilitado a um número maior de imigrantes chineses mudar-se e morar no Exterior. O Brasil, por exemplo, vem recebendo um grande número de imigrantes chineses, particularmente aqui no Estado do Rio Grande do Sul. Assim, começou o terceiro período de imigração chinesa ao Brasil, com a aproximação dos dois povos.

Diferentemente dos antigos imigrantes chineses, essa mais nova geração imigratória veio para o Brasil com a intenção de aperfeiçoamento acadêmico. A maioria deles escolheu a carreira acadêmica e nela investiu. Muitos deles estudaram ou trabalharam nas universidades brasileiras, como estudantes universitários, mestres, doutores, pesquisadores e também professores.

Esses novos imigrantes, embora costumem falar mandarim com os antigos imigrantes chineses residentes no Brasil, para poder se envolver no ambiente de convivência com os brasileiros, aprendem a Língua Portuguesa e, com o tempo, conseguem dominá-la. Uma boa parte possui um nível elevado de domínio do português e, em situações diferentes, eles realizam alternância de código entre português e chinês.

Sabemos que a China é um país de civilização antiga, com uma longa história e também um país em desenvolvimento, repleto de vitalidade. Ao longo dos últimos 25 anos, desde a aplicação da reforma e abertura ao Exterior, a China testemunhou grandes mudanças e tem conseguido êxito no âmbito do desenvolvimento econômico e social. A economia daquele país tem mantido um crescimento acelerado, o poderio integral do país tem se fortalecido, e a vida do povo tem melhorado. O chinês que hoje migra não foge de uma condição político-social e econômica adversa, busca novas oportunidades de negócios e opções de vida. O Brasil, apesar dos desafios estruturais que precisa superar no caminho do crescimento, oferece-se aos chineses como esse local de aprimoramento pessoal e profissional.

Hoje, no total, há em torno de 200 mil imigrantes chineses e descendentes que moram no Brasil, dos quais cerca de 120 mil moram na grande São Paulo, o restante em outros estados brasileiros, dentre eles o Rio Grande do Sul.

## **2.2 Imigrantes chineses no RS**

Os imigrantes chineses que moram no Brasil, apesar de participarem intensamente da vida em sociedade brasileira, mantêm fortes ligações de amizade e convivem entre si, devido ao distanciamento entre as culturas brasileira e chinesa. Seus costumes, hábitos e tradições são transmitidos de pai para filho, sendo em boa parte preservados de geração para geração. Essa situação é vivenciada pelos chineses e por seus descendentes em todo o Brasil, como se verifica no Rio Grande do Sul, estado brasileiro povoado por imigrantes de diferentes etnias, sendo que a chinesa é minoritária.

Sobre a história dos chineses no Rio Grande do Sul (RS), nada foi encontrado, nenhum documento oficial registrou os passos dos primeiros chineses a chegar ao estado, tanto em documentos como em livros. Por relatos orais, supõe-se que esses chineses tenham vindo de São Paulo para cá no século passado. Também houve uma pequena parte de imigrantes chineses que vieram diretamente para o Rio Grande do Sul, tendo inicialmente chegado a Porto Alegre, e depois se espalhado pelo estado inteiro. Esses chineses se instalaram aqui e iniciaram sua vida normalmente, investindo na agricultura. A maioria deles passou a morar em fazendas e plantar soja, milho, entre outros.

Na ausência de registros escritos, a pesquisadora realizou entrevistas com imigrantes chineses em busca dos motivos de imigração e de sua trajetória no País. Foram três as entrevistas realizadas com o casal Pan, que está entre os primeiros imigrantes chineses em Passo Fundo, RS. O casal mora no Brasil, nessa cidade, há mais de 45 anos. Para o Sr. Pan, a escolha do Brasil foi simples e fácil, devido à sua grande extensão e abundância de terras cultiváveis. O casal nasceu na China continental e, quando ainda crianças, em 1949, juntamente com seus pais, mudou-se para Taiwan, uma ilha de extensão territorial muito limitada. Segundo o próprio relato dos entrevistados, a ilha tinha somente 280 km de extensão de norte a sul. Quando ainda morava na China, o casal assistiu a um filme que mostrava a grandeza da Amazônia no Brasil, o que chamou muito a atenção do casal, já que eram universitários de Agronomia na época. Os recursos e a grandeza do Brasil os fascinaram e quando deixaram a universidade, o Sr. Pan decidiu mudar-se para o País. Um ano depois da sua chegada, a sua namorada, atualmente sua esposa, Sra. Pan, também veio para o Brasil, com o sonho de ter uma vida melhor, para poder cultivar e vencer nesta terra estrangeira e grandiosa.

Segundo o relato dos entrevistados, a maioria dos imigrantes chineses veio para o RS na década de 20 do século passado. Como se afirmou antes, alguns chineses chegaram primeiramente a SP e depois se mudaram para o RS; e outros vieram diretamente ao RS, desembarcaram em Porto Alegre, e logo depois foram para o interior do estado, para municípios tais como Santa Rosa, Caxias do Sul, Passo Fundo. A maioria deles trabalhava primeiramente em fazendas, plantava soja, milho, etc., quase todos esses imigrantes chineses começaram na agricultura. Uma grande parte deles era composta por funcionários de fazendeiros brasileiros e, com o passar do tempo, com muita dedicação e esforço, muito deles conseguiram comprar sua própria fazenda e tornaram-se fazendeiros, e continuam trabalhando na lavoura, cultivando e produzindo nas terras até hoje. Também, entre os imigrantes chineses que chegaram ao RS, há uma boa parte que se afastou do ramo da agricultura, preferiu uma vida diferente, investiu no comércio, na medicina, na engenharia, entre outras profissões.

Dentre esses imigrantes chineses e seus descendentes, destacam-se alguns nomes citados com frequência pelo Sr. Pan. O Sr. Lin, que hoje reside em Porto Alegre, é um deles. Ele foi um dos primeiros chineses que trabalhou com a produção de óleo de soja no RS, e ainda segue essa atividade até hoje. É considerado o rei do óleo de soja. E também o Sr. Fu,

que imigrou para os Estados Unidos da América (EUA) e, depois, mudou-se diretamente para Passo Fundo. Na cidade, ele comprou e administrou diversas grandes fazendas, sempre trabalhando com alta tecnologia, especialmente com máquinas modernas que foram importadas dos EUA. Ele se especializou na plantação de soja e, em pouco tempo, alcançou grande sucesso.

O próprio entrevistado, Sr. Pan, também foi destaque na cidade de Passo Fundo. Ele e a esposa migraram para o Brasil 46 anos atrás, e chegaram diretamente ao RS, primeiramente a Santa Rosa. Ficaram lá por volta de seis meses, decidiram mudar-se para a cidade de Passo Fundo. O Sr. Pan passou a trabalhar nas fazendas do Sr. Fu como administrador. Todos os dias, ele tinha que viajar mais de 200 km para poder visitar e administrar todas as quatro fazendas do Sr. Fu, que somavam mais de 4.000 hectares no total. Segundo o entrevistado, na época havia mais de 30 famílias chinesas que moravam em Passo Fundo, todas elas trabalhavam na fazenda do Sr. Fu. Entretanto, com o tempo, a maioria das famílias mudou para cidades maiores, como São Paulo e Porto Alegre, em busca de uma vida mais fácil. O fazendeiro Sr. Fu também resolveu mudar de cidade, depois de alguns anos de permanência em Passo Fundo. Ele foi para o Rio de Janeiro, lá abriu uma fábrica de cigarros e também foi muito bem-sucedido. Quando o Sr. Fu mudou-se para o Rio de Janeiro, o Sr. Pan resolveu ficar em Passo Fundo, já que, na época, era casado e já tinha três filhos, todos crianças ainda. Então, no oitavo ano de sua chegada ao País, o Sr. Pan conseguiu comprar todas as fazendas do Sr. Fu e, a partir daí, começou a trabalhar por conta própria. Ele investiu não somente na agricultura, como no comércio, em posto de gasolina, fábrica de tintas, etc., todos negócios bem-sucedidos.

A história, traçada a partir de relatos orais, auxilia a esclarecer a presença dos chineses no RS, em especial em Passo Fundo, e seu estilo de vida, suas práticas sociais. O grupo de imigrantes chineses é pouco numeroso, e os que primeiramente aqui chegaram, na terceira leva de imigração (ver seção 2.1), têm sido referência aos que os sucederam. As interações sociais desses imigrantes tendem assim a ser endógenas. Isto é, apesar de no Brasil efetuarem contato e relacionarem-se com brasileiros, os chineses possuem um convívio de grupo intenso, reforçado pela preocupação em preservar tradições. No grupo, a fala é em mandarim e em dialeto, que podem alternar com o português. Não há animosidade ou resistência dos brasileiros em relação aos imigrantes chineses e vice-versa, o que talvez seja motivado pelo sucesso econômico desse grupo no Brasil. Os imigrantes chineses não sofrem

qualquer coerção para o abandono da Língua Chinesa e para o emprego exclusivo da Língua Portuguesa. Essa vai adquirindo lugar naturalmente na vida do grupo, dadas as interações sociais que possam surgir em solo brasileiro, o que se verifica com intensidade nos filhos brasileiros desses imigrantes – alguns compreendem a fala dos pais, mas não praticam interações em mandarim ou dialeto. Não é o caso dos sujeitos deste estudo, a pesquisadora e seu irmão que, como se verá, alternam sua fala para o português em situações e eventos específicos, como pista para contextualizá-los, o que é necessário para manter e dar sentido à comunicação. A presente análise poderá, portanto, caracterizar vida e práticas de bilíngües em solo estrangeiro e, em termos lingüísticos, o papel estratégico da alternância de código na interação pela conversa desses sujeitos.

### 3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Nesta seção, são abordados conceitos relacionados à alternância de código, como os referentes ao bilingüismo, necessários para caracterizar o fenômeno em questão. Da sociolingüística interacional serão apresentadas noções que operacionalizarão a pesquisa, voltada à interação face a face pela conversa. A análise da alternância de código nessa perspectiva refere, em alguma medida, a estrutura da conversação, razão pela qual será também contemplada. Antes dessas noções teóricas, discutem-se região e cultura, para esclarecer em que medida a pesquisa contribuirá para o esclarecimento de uma cultura regional.

#### 3.1 Região e cultura

Região com contornos fixos, registrados em um mapa, é uma dentre as concepções de região possíveis. É a região geográfica, cujos limites podem não coincidir com aqueles percebidos pelos sujeitos. Essa percepção nasce das vivências em grupo e integra elementos sociohistóricos. É por isso que, conforme Pozenato (2001, p. 589), região “tem uma referência no passado, vinculada ao processo de consolidação da nacionalidade... e uma referência no futuro, vinculada ao processo de integração do País em relações supranacionais e globais”.

Nesse sentido e em termos de pesquisa, região é definida conforme os objetivos a serem alcançados. Aquele mesmo autor esclarece: a região é como “um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade como de distância”. (POZENATO, 2003, p. 591). Isso permite ao pesquisador lidar com regionalidades, com culturas regionais passíveis de serem descritas/interpretadas sem a direta vinculação com um território.

Para Paviani (2004), quando se fala em região, deve-se pensar na questão da pré-teoria, isto é, tentar identificar a regionalidade na idéia da experiência humana. A região assim assume a função de humanidade. Segundo ele, num ponto de vista semiótico, a região “tem sua fonte na intersubjetividade e sua estrutura absorvida num sistema aberto, autocriativo. Os signos da cultura regional fundam-se na reciprocidade de significados. Sua conexão

semiótico-estrutural é construída pelas vivências”. (PAVIANI, 2004, p. 84). Na opinião do autor, a região é vivenciada. A noção de região está ligada à idéia de experiência.

A região é “uma primeira manifestação de um processo cultural, no qual os aspectos culturais formam uma totalidade. Nesse sentido, é da essência da cultura ser regional. Toda cultura, na sua gênese, é regional: constrói os lugares onde o homem se sente à vontade, define um *ethos*”.<sup>5</sup> (PAVIANI, 2004, p. 93).

As vivências dos chineses no Rio Grande do Sul - nesta pesquisa abordadas quando da análise das interações sociais pela conversa, em que a alternância de código emerge - constroem uma região. As práticas sociais diárias desses sujeitos vinculam-se a experiências passadas no país de origem, a China, sendo reproduzidas em situações vivenciadas no Brasil, ou a elas adaptadas. Nessa fusão, está o bilingüe e o objeto de interesse no presente estudo, a alternância de código. É dessa forma que se entende estar investigando uma cultura regional, a dos sino-brasileiros.

Vale aqui a idéia de cultura como prática social, de Foley (2001), fundamentada na noção de *habitus*,<sup>6</sup> de Bourdieu (1977). Na opinião de Foley (2001),

all knowledge is action in given context, more especially, embodied action. Because we are organisms of a particular type...the *habitus* provides individuals with a practice sense of how to act in their lives, giving guidance for actions... conservatism leads to the practices generated by the dispositions of the *habitus* being transmitted from generation to generation. Culture in this view is that transgenerational domain of practices through which human organisms in a social system communicate with each other. (FOLEY, 2001, p. 14).<sup>7</sup>

<sup>5</sup> *Ethos* é a disposição, o caráter ou valores peculiares fundamentais a uma pessoa, povo, cultura ou movimento específico. Disponível em: [www.answers.com/topic/ethos](http://www.answers.com/topic/ethos). Acesso em: 17/7/2007.

<sup>6</sup> *Habitus* é “um sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, i.e., princípios que geram e estruturam práticas e representações que podem ser objetivamente reguladas e regulares de modo algum resultantes da obediência a regras, e sem pressupor um objetivo consciente ou domínio expresso das operações necessárias para atingi-las”. (BOURDIEU, 1977, p. 72)

<sup>7</sup> Todo conhecimento é ação em um dado contexto, mais especialmente, ação corporificada. Porque somos organismos de um tipo particular... o *habitus* fornece aos indivíduos um senso prático de como agir na vida, guiando ações.... o conservadorismo conduz a práticas geradas por disposições do *habitus* sendo transmitidas de geração a geração. Cultura nessa visão é aquele domínio de práticas transgeracionais, através do qual os organismos num sistema social comunicam-se uns com os outros.

Nessa definição, a prática social pode ser verbal ou não-verbal, mas deve ser comunicativa, fazer sentido num contexto social.

As práticas sustentadas pelo *habitus* são transgeracionais, e estão em jogo também nas situações de interação face a face. Assim, a cultura, de acordo com Foley, “consists of the things people do to communicate in ongoing transgenerational histories of social interaction”.<sup>8</sup> (FOLEY, 2001, p. 14).

Quando uma pessoa migra para um país, ela geralmente enfrenta um tipo de realidade, a qual é chamada de choque cultural. Os imigrantes sofrem bastante diante desse choque cultural, particularmente quando duas culturas são muito diferentes, tais como a do Brasil e da China. Nesse caso, a diferença cultural ainda é maior, e o ajuste entre duas culturas é mais difícil. Segundo Grosjean, “adapting to cultural differences is usually very trying and can result in loneliness, hostility, self-pity, disorientation and fear of ridicule”.<sup>9</sup> (GROSJEAN, 1982, p. 159). Quando duas culturas são colocadas em contato, os indivíduos aprendem e se adaptam à cultura dos outros e realizam seu processo de aculturação. Os imigrantes geralmente ajustam sua cultura de diferentes maneiras, entretanto, alguns nunca se ajustam.

Embora cronometricamente integrados ao Brasil, alguns chineses procuram preservar a cultura de origem e transmiti-la aos filhos. Já uma grande parte dos imigrantes chineses esforça-se e tenta adotar as práticas brasileiras. Ao mesmo tempo, os latinos costumam ver os orientais como seres misteriosos e enigmáticos, pragmáticos e centrados somente em seus próprios interesses, considerando o povo oriental reservado e inflexível. Para os brasileiros, em especial, os imigrantes chineses e seus descendentes são sempre asiáticos e todos iguais, são seres que vieram de longa distância física e também são distantes em termos de cultura. Portanto, essa diferença cultural existe não somente no lado dos chineses, mas também no dos brasileiros.

Esse estranhamento mútuo pode estar na base dos padrões de interação face a face dos imigrantes chineses e de seus descendentes. Tais padrões são instituídos por sujeitos bilíngües, os quais fazem uso no Brasil não apenas de dois sistemas lingüísticos bastante

---

<sup>8</sup> Consiste em coisas que as pessoas fazem para comunicar-se em histórias transgeracionais de interação em andamento.

<sup>9</sup> Adaptar-se a diferenças culturais é geralmente muito tentador e pode resultar em solidão, hostilidade, autocomiseração e receio do ridículo.

distintos entre si, em termos de estrutura, mas de um conjunto de práticas sociais que inclui elementos diversos da cultura (chinesa) de origem. A literatura sobre bilingüismo registra essa dentre outras realidades vivenciadas por imigrantes e por seus descendentes. Como se verá a seguir, elas têm repercussões sobre a língua.

### **3.2 Bilingüismo**

Bloomfield (1933) define bilingüismo como um controle nativo de duas línguas. Isto é, o indivíduo tem o domínio idêntico de duas línguas. Já Macnamara (1969) o caracteriza como o domínio mínimo em uma das quatro habilidades de línguas. Haugen (1969) amplia o conceito de bilingüismo de Bloomfield e o considera uma habilidade em produzir elocuições completas e significativas em outra língua. Já para Mackey (1972), o bilingüismo é um fenômeno individual, isto é, o uso alternativo entre duas línguas, variando no grau, na função, na alternância e na interferência. E, de acordo com Heye e Savedra (1992), o bilingüismo é uma competência pela qual o indivíduo se identifica com dois grupos lingüísticos em contato. Eles enfatizam o bilingüismo em relação à cultura de cada língua.

Weinreich (1953) afirma que existem dois tipos de bilingüismo: composto, ou dependente, e coordenado, ou independente. Bilingüismo composto ocorre quando o bilíngüe adquire duas línguas em um local onde se falam essas duas línguas, nos mesmos contextos, e pelas mesmas pessoas, como, por exemplo, em casa. Já bilingüismo coordenado caracteriza o verdadeiro bilíngüe, que é aquele que adquire as duas línguas em contextos diferentes, como, por exemplo, uma em casa com os pais, e outra na escola, no trabalho ou na rua.

Se o segundo for o tema da pesquisa, investigam-se as circunstâncias sob as quais os falantes bilíngües aprendem as duas línguas, se eles são socializados em ambas as línguas e aprendem a usá-las lado a lado em muitas funções. E o que caracteriza o primeiro tipo de bilingüismo, o composto, é o fato de os falantes aprenderem a segunda língua somente depois da primeira fase de socialização, baseando-se no sistema de sua primeira língua. Esse é o caso dos sujeitos investigados no presente trabalho, a pesquisadora e seu irmão, como já relatado, ou seja, aprenderam português já adultos.

### **3.2.1 Graus e funções do bilingüismo**

Mackey (1968) considera o fenômeno do bilingüismo pertencente ao domínio da fala e não da língua. Questões como grau, função, alternância e interferência são fatores que merecem atenção dos estudiosos.

O grau de bilingüismo corresponde à competência do bilíngüe no uso de cada língua que domina. A função do bilingüismo refere-se ao uso que o bilíngüe faz das línguas e em que condições ele as utiliza.

É comum que os bilíngües não possuam a mesma competência em todas as quatro habilidades de suas duas línguas. Muitas vezes, eles podem desenvolver uma habilidade mais fortemente do que as outras.

A função do bilingüismo pode ser externa e interna. Para Mackey (1972, p. 557-558), as funções externas são determinadas pelo número de áreas de contato das línguas e pela variação de cada uma na duração, na frequência e na pressão. As funções externas, determinadas pelo número de áreas de contato, relacionam-se aos meios pelos quais as duas línguas do bilíngüe foram adquiridas e utilizadas, tais como casa, comunidade, escola ou meios de comunicação de massa. A influência desses elementos nos hábitos dos bilíngües é medida pela duração, frequência e pressão, tanto na compreensão oral quanto na produção oral. A duração só se torna relevante quando sua frequência é reconhecida, em relação aos meios de contato; as pressões podem aparecer para levar o bilíngüe a escolher usar uma língua e não outra. Essas pressões podem ser econômicas, administrativas, culturais, políticas, militares, históricas, religiosas ou demográficas.

Segundo esse estudioso, não somente as funções externas são importantes, as funções internas também influenciam a existência e a manutenção constante dessas línguas. As funções internas têm influências relevantes na vida do bilíngüe, as atividades mentais podem ser demonstradas em funções não comunicativas, como cantar uma música, fazer cálculo, rezar em voz baixa, falar dentro de um sonho, dizer palavrão ou amaldiçoar alguém, fazer anotações, escrever diários. Essas atividades podem ser realizadas em ambas as línguas do bilíngüe, ou somente em uma delas; pode haver alternância de código, isto é, usar uma língua para algumas atividades e a outra língua para outras. Não é sempre na língua base do bilíngüe

que se realizam essas atividades internas. Mackey (1972) ainda ressalta que alguns fatores também podem influenciar a habilidade do bilíngüe no uso de seus códigos lingüísticos na atividade da execução das funções internas, tais como idade, sexo, inteligência, memória, atitudes demonstradas perante ambas as línguas e motivação do próprio bilíngüe.

### **3.2.2 *Tipos de bilíngüe***

Os estudiosos consideram que o bilingüismo pode ser entendido por meio das seguintes dimensões: sociolingüística, psicológica e pedagógica. O que se destaca aqui é o fator psicológico.

Segundo Hamers e Blanc (1989), conforme a idade de aquisição das duas línguas, o bilíngüe pode ser entendido como bilíngüe precoce e bilíngüe tardio. O bilíngüe precoce também é dito primário, ou natural. Isto é, a criança que, até três anos de idade, aprende a falar duas línguas ao mesmo tempo; já na situação do bilíngüe tardio, ou secundário, ou diglota, geralmente a criança já tem aprendida a primeira língua e, depois de quatro anos de idade, começa a estudar uma ou mais de uma língua.

Os estudiosos acreditam que, além desses tipos de bilíngüe, ainda há adolescente bilíngüe ou adulto bilíngüe. O primeiro refere-se ao indivíduo que adquire sua segunda língua entre onze e dezessete anos de idade, já o segundo é aquele falante que aprende sua segunda língua após os dezessete anos de idade.

O bilíngüe precoce geralmente tem total domínio de suas duas línguas, já o bilíngüe tardio é mais eficiente na sua primeira língua. No caso do adolescente bilíngüe e adulto bilíngüe, para Grosjean (1995), os sujeitos têm mais dificuldades de alcançar a mesma proficiência em relação aos nativos da segunda língua. O aspecto fonético é um grande desafio para esse tipo de bilíngüe, o “sotaque” é a marca desses bilíngües.

Tanto Grosjean (1982) quanto Hamers e Blanc (1989) consideram que a identidade cultural é um fator importante no estudo do bilingüismo. Os bilíngües podem ser considerados como bilíngüe bicultural, bilíngüe monocultural, bilíngüe aculturado e bilíngüe deculturado. Bilíngüe bicultural é aquele indivíduo que se identifica com as culturas de suas duas línguas

adquiridas; bilíngüe monocultural é o sujeito que, apesar de ter aprendido a segunda língua, não apresenta nenhum sinal da identidade cultural dessa língua; bilíngüe aculturado é aquele falante que abandona sua própria cultura (da língua materna) e adota completamente a cultura da sua segunda língua; já bilíngüe deculturado é o tipo que renuncia à sua própria cultura, porém, não há adoção plena de outra, a da segunda língua, isso causa ambigüidade cultural.

Para Hagège (1996), o bilíngüe não simplesmente pratica alternância entre duas línguas, ele geralmente possui a competência de comunicação altamente elevada nas duas línguas que ele utiliza. Há bilíngües precoces e tardios. Hagège (1996) chama a atenção para a facilidade com que as crianças aprendem duas línguas ou mais ao mesmo tempo, e isso funciona não somente com as línguas, mas com qualquer outro conhecimento. Na idade de dois a três anos, as crianças fazem mais mistura de línguas do que uma verdadeira alternância de código. Portanto, conforme o crescimento, as crianças vão fazendo menos misturas e começam a praticar a alternância de código.

Hagège explica que, no caso do adulto, “a passagem a uma outra língua no seio de uma mesma frase é uma forma de realce e um apelo às conotações. Esta atribuição de um elevado valor informativo faz da transferência de um código a outro um meio de sobrecodificação”. (HAGÈGE, 1996, p. 218). O bilíngüe faz uso de uma estratégia comunicativa quando alterna códigos.

### **3.2.3 Alternância de código**

Alternância de código é um aspecto relevante em relação ao bilingüismo. Para Di Pietro (1977), alternância de código é definida como o uso de mais de uma língua pelos comunicadores na execução de um ato de fala; em outras palavras, conforme Grosjean (1982), a alternância de duas ou mais línguas numa mesma elocução. De acordo com Fishman (1965), no estudo da alternância de código, procura-se identificar quem fala que língua com quem e quando.

Grosjean (1982) estuda o caso de uma família imigrante francesa nos Estados Unidos, na época há oito anos naquele país. O autor verificou que a alternância de código era feita em três formas: uma palavra, uma frase curta ou uma sentença completa, enunciada

individualmente ou numa sentença maior. Dados deste estudo exemplificam essas três formas de alternância: (a) *ba yan di gei wo, por favor!* (me passe o sal, *por favor!*); (b) *ming tian jian, me ligue!* (Te vejo amanhã, *me ligue!*); (c) *ming tian jian, da dian hua gei wo!* (ou: *Te vejo amanhã, me ligue!*)

Dabène e Moore (1995) propõem a seguinte denominação para as três formas de alternância: a alternância de código por uma palavra é denominada *code-switching unitário*; a alternância de código por uma frase curta é denominada *code-switching segmental*. Esses dois tipos de alternância de código são classificados como *code-switching intra-sentencial*. Já a alternância de código por uma sentença completa é denominada *code-switching intersentencial*, isto é, ambos falantes alternam seus códigos de comunicação de forma completa, usando uma única língua no enunciado, e a resposta é feita em uma frase completa da mesma língua ou em outra língua a ser alternada.

Grosjean (1982) alerta que os monolíngües podem ter uma atitude negativa perante a alternância de código, considerando-a como uma “mistura” ou classificando o falante como não proficiente em ambas as línguas. No entanto, a alternância de código é um eficiente recurso de comunicação, usado pelos bilíngües conscientemente na produção de sentidos. Ribeiro e Garcez (2002) afirmam que a alternância de código é “passagem do uso de uma variedade lingüística para outra que os participantes de alguma forma percebem como distintas” (p. 258). Ou seja, os autores entendem que a alternância de código existe não só entre duas línguas, mas no discurso entre diferentes variedades (dialetos) de uma língua.

Mackey (1972) fornece uma importante caracterização da alternância de código, relacionada à função de cada língua no comportamento geral. O grau de domínio que o bilíngüe possui de ambas as línguas pode ser distinto, e seu uso cumpre funções ligadas ao assunto, às pessoas em interação, e à tensão, que podem variar, o que repercute no índice de alternância e na proporção de uso de cada língua em situação de comunicação oral ou escrita. Mais recentemente, Myers-Scotton (1993, 1997) afirma que a alternância de código pode ser analisada em suas funções sociopragmáticas, bem como em suas formas estruturais. A alternância de código é realizada, em geral, de forma consciente, segundo afirmação de Hagège (1996). Numa situação de alternância, “as palavras ou grupos de palavras justapostos obedecem uns às regras de uma língua e os outros às de uma língua diferente. O que não os impede de fazer sentido, para cada um dos utilizadores habituados a se comunicar por códigos

alternados”. (HAGÈGE, 1996, p. 218). O autor considera que a alternância de código pode estabelecer um conjunto alternativo de expressão, isto é, um estilo.

### 3.2.3.1 *Fatores implicados na escolha das línguas*

Mackey (1972) afirma que os estudos sobre bilingüismo e, principalmente, sobre alternância de código são baseados nas seguintes perguntas:

1) Até que ponto os falantes são bilíngües e qual é seu controle sobre cada uma das línguas usadas? 2) Em que situações os falantes usam duas línguas, e em que situações usam uma língua, e em que situações a outra? 3) Até que ponto os falantes trocam as duas línguas e sob quais condições acontece essa alternância? 4) Até que ponto os falantes bilíngües usam as duas línguas separadamente, ou como um sistema integrado? Quais os fenômenos de interferência que se manifestam no uso alternativo das duas línguas? De que maneira o uso de uma língua influencia o uso da outra? (MACKEY, 1972, apud HEYE, 1986, p. 211).

Para responder às perguntas de Mackey, principalmente a segunda, de acordo com Grosjean (1982), deve-se considerar que a alternância de código ocorre por motivos simples, tais como: 1) suprir a necessidade lingüística de vocabulários, de frases, de marcador discursivo ou de sentenças completas; 2) manter a continuidade da conversa com a última língua empregada; 3) citar o nome de alguém; 4) especificar o endereço; 5) qualificar a mensagem, ampliá-la ou dar-lhe ênfase; 6) especificar o falante e personalizar a mensagem; 7) marcar e enfatizar a identidade do grupo, demonstrando solidariedade; 8) expressar intimidade, fúria e aborrecimento; 9) excluir alguém da conversa; 10) alternar o papel do falante, aumentando seu *status*, dando-lhe maior autoridade e mostrando conhecimento específico.

As afirmações de Grosjean correspondem às do lingüista Rubin (1968), para quem a alternância de código sofre influências de alguns fatores, divididos em quatro grupos, que são: 1) participantes: podem incluir os seguintes aspectos: proficiência de língua, preferência de língua, situação socioeconômica, idade, sexo, profissão, educação, formação étnica, história de interação lingüística do falante, relação de parentesco, intimidade, relação de poder,

atitudes perante línguas e pressão externa; 2) situação: pode incluir os seguintes aspectos: local/ambiente, presença de monolíngües, grau de formalidade e grau de intimidade; 3) conteúdo de discurso: tópico e tipo de vocabulário; 4) função da interação: para aumentar a posição social, para criar distância social, para excluir alguém e para pedir ou comandar.

Auer (1995) estudou a alternância de código numa perspectiva conversacional. Propôs que, além das dimensões gramaticais da alternância de código e seu significado social na comunidade bilíngüe, ainda existe uma terceira dimensão que é o encaixamento seqüencial da alternância de código na conversação. E essa dimensão é relativamente independente das outras duas. Sua autonomia é dada pelo fato de que a alternância de código é usada na conversação como recurso semiótico significativo que pode ser descrito independentemente de ambas, gramática e contexto macros social da alternância de código.

Auer (1999) analisou um caso de alternância de código entre bilíngües italiano-alemão, e verificou que o contraste entre um código e outro pode ser usado pelo falante para produzir ironia, por exemplo.

Segundo Auer (1999), nessa perspectiva conversacional, o caso prototípico de alternância de código, ocorre num contexto sociolingüístico em que os falantes orientam a preferência por uma língua no momento, isto é, é sempre possível identificar a língua de interação válida no momento dado até a alternância ocorrer. Implica uma mudança de *footing*,<sup>10</sup> e a interpretação dos enunciados necessita ser *preenchida*, pois vai além do que é dito. É possível descrever, de maneira geral, os mecanismos pelos quais a alternância de código relaciona-se aos dois códigos e ao contexto no qual ela ocorre. A alternância pode ser identificada com um estilo pessoal ou de grupo. A maior parte das alternâncias de código ocorre no nível da frase curta ou sentença; uma vez que a alternância serve para contextualizar certas atividades lingüísticas, as unidades de elocução afetadas pela alternância devem ser grandes o suficiente para constituir uma atividade. Apesar de bilíngües poderem ser altamente proficientes em ambas as línguas, a proficiência não é um pré-requisito, isto é, a alternância de código pode ser possível com um conhecimento muito limitado de outra língua. É nessa perspectiva, a de Auer (1995, 1999), que a alternância de código é analisada no presente

---

<sup>10</sup> *Footing* é o **alinhamento**, ou porte, ou posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal do participante na **fala** em interação.” (GOFFMAN, 2002, p. 262). A esse respeito, veja-se a seção 3.3.2. deste trabalho.

trabalho. Essa é a razão de, após a próxima seção “diglossia”, serem abordadas noções da sociolinguística interacional, área de estudos dedicada à fala em interação.

### 3.2.3.2 *Diglossia*

Diglossia é um termo proposto por Ferguson (1959) para denominar a coexistência de duas formas lingüísticas de uma língua na mesma comunidade. Ele define essas duas diferentes formas lingüísticas como variedade baixa e variedade alta. Isto é, de uso informal e de uso formal, respectivamente. De uso informal são as formas empregadas em situações como, por exemplo, em casa, entre amigos, nas brincadeiras, etc.; de uso formal são as formas empregadas na língua escrita, nos ambientes escolares, em lugares públicos e nos meios de comunicação, etc.

Segundo aquele autor, em diferentes situações, ora a variedade alta é mais adequada do que a variedade baixa, ora a variedade baixa é mais apropriada. Diglossia pode existir por vários séculos e permanecer ainda mais tempo.

Para outros linguistas, diglossia é mais ampla, não se trata somente de duas formas lingüísticas de uma comunidade, pode referir-se a mais formas lingüísticas. (FISHMAN, 1965).

Quando se trata de uma hierarquia de línguas de um sujeito, mesmo que sutil, já há o fenômeno de diglossia. Geralmente isso corresponde a duas línguas com situações sociais diferentes, a língua A é dominante e é prestigiada, já a língua B é subordinada e, muitas vezes, desprestigiada. Muitas vezes, essa preferência da língua A causa mal-estar nos falantes da língua B. Por ser uma língua falada na família e em situações informais, esses falantes sentem-se envergonhados e acabam dando preferência à língua A, que é falada na escola ou em via pública.

Para o estudioso Tabouret-Keller (1987), essa situação causa o abandono dos falantes da língua B, por ser uma língua ou variedade lingüística que é falada somente em casa ou entre amigos, nas situações informais, sendo considerada língua desprestigiada. Isso ocorre mais ainda nas famílias que têm pais estrangeiros ou pertencentes a uma minoria lingüística,

ou seja, língua B. Quando uma língua ou uma forma lingüística deixa de ser empregada por um grupo em uma determinada comunidade, ocorre “morte lingüística”, mesmo que esse idioma continue existindo em outro lugar e a identidade étnica continue a sobreviver.

### **3.3 Sociolingüística interacional**

A sociolingüística interacional propõe o estudo do uso da língua na interação social, tendo como fundamentos noções da psicologia social. Nessa perspectiva, analisa-se o uso da alternância de código pela própria pesquisadora e por seu irmão, ambos falantes nativos de chinês e bilíngües chinês-português, em termos de uso de Língua Chinesa ou Língua Portuguesa em situações sociais diferenciadas.

De acordo com Schiffrin (1998, p. 316), a sociolingüística interacional é o estudo da construção da interação lingüística e social. Ela fornece subsídios para analisar o contexto social e incorpora o entendimento dos participantes, construído por meio dos sentidos inferidos na interação.

A sociolingüística interacional é uma perspectiva teórica e metodológica de estudo do uso da língua que envolve lingüística, sociologia e antropologia por relacionar língua, sociedade e cultura.

Goffman (1967) analisa a interação face a face buscando compreender como a língua é situada nas circunstâncias particulares da vida social e como ela reflete e acrescenta significado e estrutura a essas circunstâncias. Já Gumperz (1971) chama mais atenção à questão da comunicação verbal. Isso nos ajuda a entender como as pessoas podem compartilhar conhecimento gramatical de uma língua, porém contextualizar diferentemente o que é dito, de maneira que muitas diferentes mensagens são produzidas e entendidas.

Schiffrin (1998) explica que as teorias de Goffman baseiam-se nas idéias de Emile Durkeim, o pai de sociologia moderna, e do sociólogo Goerge Simmel. Na visão durkeimniana (1977, 1984) a sociedade pode influenciar comportamentos humanos pela internalização de fatos sociais, isto é, valores, crenças e normas, de acordo com sua organização. O estudioso centraliza seu estudo nos diferentes tipos de organização e

solidariedade social, bem como nos significados das religiões primitivas. Já Simmel (1950) foca suas análises na forma e no significado de pequenos grupos sociais. Dos diferentes relacionamentos sociais podem resultar tanto o valor social de atividades lingüísticas quanto a forma e o significado da própria reunião dos pequenos grupos de duas ou três pessoas. Segundo Schiffrin (1998), Goffman articula teorias sobre o material e a organização simbólica da sociedade e da vida social. Seu interesse é o processo social envolvido no desenvolvimento do *ego*, ou seja, do *indivíduo*, bem como a metodologia etnográfica desenvolvida pelos sociólogos para o estudo da vida social cotidiana e da cultura da vida urbana. Nessa perspectiva, a fala na conversação é objeto de análise na medida em que, com ela, realizam-se interações sociais. Explica Heye:

Toda fala na interação verbal (comunicação face-a-face) acontece num ambiente físico, se situa no contexto verbal particular e trata de um assunto específico que depende, por sua vez, das circunstâncias psicológicas predominantes (intenções e atitudes) e dos traços sociais dos participantes na conversa. (1986, p. 209).

Gumperz (1972) focaliza o conteúdo da comunicação verbal. De acordo com ele, os sistemas lingüísticos baseiam-se nas estruturas sociais e variam com elas. Para ele, comunidade lingüística é como qualquer agregado humano caracterizado pela integração regular e freqüente por meio de um conjunto comum de signos verbais, mas distinto de outros agregados por diferenças significativas no uso da língua. Essa definição demonstra que a comunicação verbal estabelece uma relação regular entre o uso da língua e a estrutura social.

Blom e Gumperz (2002) estabelecem uma diferença importante entre alternância situacional de códigos e alternância metafórica de códigos. A alternância situacional de códigos acontece sempre numa relação entre a língua e a situação social, e a alternância metafórica de códigos não está principalmente relacionada às alterações na situação social em termos de direitos e deveres dos participantes, mas sim “depende da preexistência de relações regulares entre variáveis e situações sociais”. (BLOM; GUMPERZ, 2002, p. 70). As diferenças detalhadas dessas alternâncias são abordadas na seção 3.3.3 deste trabalho.

Gumperz (2002) vê a língua como um sistema simbólico construído social e culturalmente, que é usado para refletir significados sociais maiores (por exemplo, identidade

do grupo, diferentes *status*), e também significados menores (por exemplo, o que é dito e feito pelo indivíduo num determinado tempo). Esse assunto é abordado com mais detalhes na secção 3.3.4 deste trabalho.

Goffman (1981) concentra seus estudos na relação entre *indivíduo* e *sociedade*. Focaliza o modo como a organização de vida social provoca contextos em que tanto a conduta do indivíduo quanto a comunicação com outros podem fazer sentido. Já Gumperz (1982a, 1982b) concentra suas análises na língua e na cultura, ele explica como interpretações de contextos são cruciais na comunicação de informação e na compreensão dos outros sobre a intenção do falante. A sociolinguística interacional, de acordo com Schifffrin (1998), pode ser usada, entre outros, para descrever como aspectos lingüísticos de locuções nos permitem inferir o que outros dizem, significam e fazem. Esse enquadre interacional, esclarecido na próxima seção, é noção operacional em análises conforme essa vertente, a que a alternância de código se relaciona.

### **3.3.1 Enquadre**

Tannen e Wallat (2002), uma lingüista e uma psicóloga americanas, distinguem enquadre e esquema, dois aspectos envolvidos na interação social. Para as autoras, ambos são estruturas de expectativas, porém, enquadre é de natureza interpretativo-interativa, já esquema é identificável como esquema de conhecimento.

A noção interativa de enquadre refere-se à percepção, por parte dos interactantes, de quais atividades estão acontecendo, de quais sentidos pretende-se construir. Enquadre interativo refere-se ao que está acontecendo em uma interação.

Esquema de conhecimento refere-se às expectativas dos participantes da interação “acerca de pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, fazendo distinção entre o sentido desse termo e os alinhamentos que são negociados em uma interação específica”. (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 189). De acordo de Heidegger (1962), o conhecimento prévio é fundamental para as pessoas poderem entender o significado literal de uma elocução.

Tannen e Wallat (2002) afirmam que as pessoas podem identificar enquadre de interação “pela associação de pistas lingüísticas e paralingüísticas”, isto é, “a maneira como as palavras são ditas, e não somente pelo que as palavras significam”. (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 192). As autoras mostram uma situação de diálogo telefônico entre uma das autoras e sua amiga em que, no meio da conversa, a amiga grita “PA:RE COM ISSO!” Como a autora sabia que a amiga tinha um cachorro, e pela forma como ela dirigiu-lhe as palavras, sabia que era com o cachorro e não com ela que a amiga falava. Assim, com base em um conhecimento anterior, Tannen enquadrou essa situação em “disciplinar um animal”.

Para trabalhar com a noção de enquadre, o uso de registros lingüisticamente identificáveis é aspecto importante. Segundo Ferguson (1985, apud TANNEN; WALLAT, 2002, p. 194), registro “é simplesmente variação condicionada pelo uso”. Na opinião de Tannen e Wallat (2002, p. 194), registros são “convenções para escolhas lexicais, sintáticas e prosódicas consideradas apropriadas para o cenário e para a platéia”. Dentro da interação, os registros podem ser alterados conforme a necessidade e a situação. Entretanto, apesar de a mudança de registro ser uma forma de fazer mudança de enquadre, ela não é a única. De acordo com a necessidade e situação, os enquadres podem ser mantidos em equilíbrio tanto verbal, como não verbalmente, e muitas vezes esses enquadres são simultâneos.

De acordo com Tannen e Wallat (2002), cada enquadre interativo de um participante pode fazê-lo estabelecer um *footing* diferente em relação aos outros participantes. “Todos participantes em qualquer interação colaboram na negociação de todos os enquadres operantes no âmbito da interação.” (TANNEN; WALLANT, 2002, p. 201). Atividades similares podem trazer significados e conseqüências distintas para participantes e podem ser compreendidas como vinculadas aos diferentes enquadres. Cada enquadre pode trazer conflitos com outros enquadres, dependendo das diferentes exigências de cada enquadre.

Já esquema de conhecimento, para as autoras, são “as estruturas de expectativa dos participantes acerca das pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, sendo distintos, portanto, dos alinhamentos ou *footings* que são negociados em uma interação específica”. (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 261). Do conteúdo escolhido para ser dito em uma interação, podem resultar esquemas de conhecimento interligados a assuntos em discussão, aos interlocutores, aos cenários, etc. Caso os participantes possuam distintos esquemas, desses

podem brotar resultados confusos, conversas cruzadas, de que resultam enquadres interativos discrepantes.

Em suma, o conceito de enquadre liga-se ao uso da língua, à atividade de fala. Na análise das autoras, enquadre ressalta o “sentido que os participantes constroem acerca do que está sendo feito”. (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 212). Reflete o *footing*, o conceito de Goffman (2002) referente ao alinhamento que os participantes estabelecem para si e para os outros em uma situação, e vincula-se aos esquemas de conhecimento, aos padrões de expectativas e hipóteses sobre o mundo, seus habitantes e objetivos.

O falante bilíngüe, ao alternar código, pode fazê-lo para mudar enquadre. Isso implica não só a partilha do código entre interlocutores, mas dos esquemas de conhecimento (prévio) a ele associados, que lhes permitem compreender a atividade de fala sendo realizada e, assim, haver interação, nela alinhando-se. É o que percebeu Auer (1999), referido na seção 3.2.3.1, na fala bilíngüe italiano-alemão de crianças que vivem na Alemanha. Ele analisou um caso de interação verbal entre três adolescentes italianos e um adulto. Os adolescentes tentam explicar para o adulto M a localização de um parque de forma técnica, usando a língua alemã, sem nenhuma emoção, o que constitui uma “oferta de informações”. Entretanto, no fim do diálogo, Agostino, um adolescente, muda o *footing* da interação, alterna o seu código para italiano dialetal. Dirige suas palavras para um dos seus companheiros, outro adolescente italiano, respondendo à sugestão deste de aconselhar o adulto para passar pelo parque para vê-lo por ele próprio. A elocução em italiano dialetal de Agostino não mais fornece uma informação, mas ironiza pela idéia de mostrar que um adulto não precisa perder seu tempo para procurar um parque. Aqui, o enquadre muda de “oferecer informações” para “ironizar”.

Na próxima seção, aborda-se mais detalhadamente o conceito de *footing*, ligado ao de enquadre.

### 3.3.2 *Footing*

Goffman (2002) considera *footing* uma outra forma de abordar o enquadre de eventos. É “uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na forma como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução”. (GOFFMAN, 2002, p. 128). Relaciona-se à nossa interpretação das atividades de fala (crítica, elogio, alerta, sugestão, ironia, piada, etc.) que se realizam numa dada interação face a face pela conversa.

*Footing* representa o alinhamento, ou porte, ou posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal do participante em qualquer situação face a face.

Goffman (2002) introduz o conceito de *footing* para a compreensão do discurso oral e para a análise da interação. Os estudos tradicionais de interação focalizam mais a relação falante-ouvinte. Goffman discute mais a complexidade das relações na estrutura de produção e de participação, e a mudança de *footing*.

Segundo Goffman (2002), o participante pode ser classificado em: participante ratificado e participante não-ratificado. Participantes ratificados são participantes oficiais da interação; participantes não-ratificados são aqueles que ouvem por acaso (sem intenção) ou escutam às escondidas. “Um participante ratificado pode não estar escutando, e alguém que esteja escutando pode não ser um participante ratificado” (GOFFMAN, 2002, p. 118).

Além da conversa cotidiana face a face, existem outras formas de estrutura da fala, tais como discurso político, rotinas de espetáculos de entretenimento, palestras, recitações dramáticas, leituras de poesias, reporte de notícias, julgamento na tribuna, congregações de igreja, etc. Essas envolvem um longo trecho de fala com um único falante, e nem todos os participantes (ouvintes) podem transformar-se em falantes. As análises de diferentes tipos de ouvintes precisam substituir a noção de um encontro social pela noção de situação social.

Segundo Goffman (2002, p. 136), “a delimitação da estrutura de participação e formato de produção fornece a base estrutural para a análise da mudança de *footing*”.

As mudanças de *footing* não têm somente relação com o formato de produção da fala, mas também com a estrutura de participação. Todos os tipos de participantes, mesmo estando fora da conversa, são candidatos a participarem da mesma, mediante, por exemplo, arranjos envolvendo a platéia.

Além da mudança, podemos observar que o *footing* pode ser mantido ou reestabelecido. Por exemplo, um contador de história, um professor na sala de aula, pode ter uma interrupção temporária por qualquer motivo, mas quando retorna à fala da parte restante, continua no *footing* que deixou.

### 3.3.3 *Situação social*

Goffman chama a atenção dos pesquisadores para a situação social. De acordo com o autor, a situação social é

um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessáveis de forma semelhante. (GOFFMAN, 2002, p. 17).

A situação social emerge quando duas ou mais pessoas se encontram na presença umas das outras e dura até que a penúltima pessoa tenha se retirado. A situação social está presente em todas as conversas.

Para o autor, as pessoas podem, coletivamente, em uma dada situação, fazer parte de um agrupamento, mesmo que ajam de forma diversa, permanecendo caladas, distantes, ou estando presentes casualmente, etc. As regras culturais ditam como os indivíduos devem comportar-se em um agrupamento, e essas regras podem estabelecer o comportamento dos participantes na situação.

Goffman (2002) explica que há possibilidade de os participantes de uma situação social ratificarem-se junto e mutuamente, como co-sustentadores autorizados de um único

foco de atenção cognitiva e visual, de um encontro. Existe preferência por uma iniciação de comunicação, existe uma aproximação física, e também existem regras claras para o início e o fim dos encontros, para a entrada e a saída de participantes, etc.

Quando uma fala ocorre, ela ocorre dentro de um tipo de situação social. O ato de fala deve ser remetido ao estado de fala, e esse estado de fala é sustentado pelo turno de fala, e envolve os outros indivíduos ratificados como co-participantes. A fala é socialmente organizada. Para Goffman, a fala é “um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas” (2002, p. 19), isto é, um encontro social. Quando um estado de fala é ratificado, é necessário haver pistas à disposição para requisitar a palavra e cedê-la, para comunicar ao falante a estabilidade do foco de atenção que está recebendo.

Blom e Gumperz (2002) realizaram um estudo sobre alternância de código em uma comunidade bilíngüe no Norte da Noruega. Por meio dessa pesquisa, os autores fizeram uma análise detalhada dos traços específicos de fala, e estabelecerem relações sociais subjacentes entre os falantes daquela comunidade. Os autores definem rigorosamente a diferença entre alternância de código situacional e alternância de código metafórica.

Durante dois meses, Blom e Gumperz (2002) trabalharam no Norte desse país, numa comunidade de 1.300 habitantes em que todos são bilíngües. Mediante os dados coletados, os autores mostram que todos os falantes da região têm domínio da língua oficial e de um dialeto. Na comunicação verbal cotidiana, os falantes escolhem a língua a ser usada, de acordo com a situação social.

Os autores afirmam que “os traços dialetais são variáveis dentro de um único sistema gramatical”. (BLOM; GUMPERZ, 2002, p. 56). A diversidade lingüística entre a língua oficial e o dialeto é baseada nos fatores sociais.

Blom e Gumperz (2002) relatam que há valores associados ao uso da língua, de acordo com o contexto social, o que se verifica em duas etapas. Na primeira, os falantes procuram pistas externas e as transformam em estratégias de comportamento adequado; já na segunda etapa, essas estratégias de comportamento são transformadas em símbolos verbais adequados.

Blom e Gumperz (2002) apontam que há duas diferentes alternâncias de código, a alternância de códigos situacional e alternância de códigos metafórica. A alternância de códigos situacional envolve uma relação entre a língua e a situação social. As formas lingüísticas são componentes principais do evento, “no sentido de que qualquer violação das regras de seleção modifica a percepção do evento para os participantes”. (BLOM; GUMPERZ, 2002, p. 68). Nessa alternância, tanto o falante como o ouvinte têm direitos e deveres um ao outro, e “as situações diferem no grau de liberdade de escolha que permitem aos falantes”. (BLOM; GUMPERZ, 2002, p. 69). A escolha lingüística não é totalmente determinada e as situações podem diferir no grau de liberdade de escolha que permitem aos falantes.

Já a alternância de códigos metafórica relaciona-se a tópicos e assuntos. A troca lingüística está ligada a isso, e não às alterações na situação social em termos dos direitos e deveres dos participantes. As situações “permitem que sejam postas em prática duas ou mais relações entre o mesmo conjunto de indivíduos”. (BLOM; GUMPERZ, 2002, p. 70). A preexistência de relações regulares entre variáveis e situações sociais define o efeito semântico desse tipo de alternância.

Quando uma alternativa é empregada regularmente em um certo contexto, esse contexto se torna parte de seu significado, de modo que, quando a forma é empregada em um contexto em que tal forma não seja normal, ele traz consigo traços de seu ambiente original. (BLOM; GUMPERZ, 2002, p. 70).

### ***3.3.4 Pistas de contextualização***

Convenções de contextualização são componentes na interpretação da comunicação em interação. De acordo com o autor, convenções de contextualização são “as pistas de natureza sociolingüística que utilizamos para sinalizar os nossos propósitos comunicativos ou para inferir os propósitos conversacionais do interlocutor”. (GUMPERZ, 2002, p. 149). Essas pistas são pistas lingüísticas, paralingüísticas, prosódicas e não-verbais.

Gumperz (2002) define pistas de contextualização como traços ou constelações de traços presentes na construção de mensagens com que os falantes sinalizam as atividades que

estão acontecendo e como essas atividades devem ser compreendidas. Para os ouvintes, são pistas que orientam a interpretação e compreensão das mensagens. Essas pistas são, na maioria dos casos, manifestadas de forma indireta e inconsciente, e portanto devem ser estudadas relativamente ao processo e ao contexto; todas as pistas de contextualização “contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais”. (GUMPERZ, 2002, p. 152). Essas pistas podem ter várias manifestações, dependendo do repertório lingüístico de cada participante: mudanças de código, dialeto e estilo, fenômenos prosódicos, escolhas entre alternativas lexicais e sintáticas, expressões pré-formuladas, padrões de abertura e fechamento de conversa e estratégias de seqüenciamento.

Os significados das pistas de contextualização são implícitos, expressos no processo de interação, e podem ser entendidos fora do contexto. Isso depende do reconhecimento desses significados por parte dos participantes da interação. Quando os participantes não compreendem todas essas pistas, podem se originar mal-entendidos e diferenças interpretativas. Quando um falante inicia uma atividade de fala, ele sinaliza as pressuposições sociais em relação às quais as mensagens devem ser interpretadas, e quando o ouvinte não reage a uma das pistas, frustração mútua pode ocorrer entre o falante e o ouvinte.

Fillmore (1976) acredita que a maior parte da linguagem natural é pré-formulada, automática e ensaiada. As fórmulas sinalizam as expectativas do falante sobre os objetivos da atividade de fala e também em relação às respostas a serem dadas. Essas expressões pré-formuladas “refletem estratégias conversacionais indiretas que favorecem as condições para se estabelecer contato pessoal e negociar interpretações compartilhadas”. (GUMPERZ, 2002, p. 156).

Gumperz (2002) mostra que também existem comunicações não-verbais que podem influenciar a interpretação do participante sobre a atividade de fala. Muitos mal-entendidos podem ser causados pela percepção e interpretação de movimentos faciais e gestuais apresentados pelo falante. De acordo com Birdwhistell (1970), enquanto as pessoas falam, seus corpos transmitem sinais automática e inconscientemente, e esses sinais não-verbais são similares a uma linguagem, pois são estabelecidos através da interação.

### 3.3.4.1 *Elementos estruturais da conversação*

#### 3.3.4.1.1 Características organizacionais da conversação

Levinson afirma que a conversação é central na aquisição da linguagem e “o gênero básico da interação humana”. (LEVINSON, 1983, p. 284). De acordo com Goffman (1976), quando as pessoas conversam, elas realizam asserções e réplicas.

A conversação é uma interação verbal centrada. Segundo Marcuschi (2003, p. 15), a conversação possui cinco características principais, que são: a) interação entre pelo menos dois falantes; b) ocorrência de pelo menos uma troca de turnos de fala; c) presença de uma seqüência de ações coordenadas; d) execução de uma identidade temporal; e) envolvimento numa interação centrada.

#### 3.3.4.1.2 Organização turno a turno

De acordo com Marcuschi, a tomada de turno na conversação “pode ser vista como um mecanismo-chave para a organização estrutural da conversa”. (2003, p. 19). Entender quando existe ou não mudança de turno não é complicado, o que se torna difícil é saber o que determina essa mudança e quando será o momento ideal para ela acontecer.

Uma das regras básicas da conversação é: fala um de cada vez, no estilo A-B-A-B. Essa regra funciona na maioria das línguas, culturas e situações. Existe uma diferença entre fala simultânea e sobreposição de vozes. A primeira refere-se a dois turnos superpostos e a segunda, à fala durante o turno de outro.

Além da tomada de turno e das falas simultâneas ou sobreposições, pausas, silêncios e hesitações também exercem um papel importante na organização da conversação. De acordo com Marcuschi (2003), uma hesitação pode ser entendida como um convite à tomada de turno, e serve como um momento de organização e planejamento interno do turno, dando tempo ao falante para preparar-se. Conforme a posição estrutural, as pausas e os silêncios podem ser vistos de diferentes maneiras. Por exemplo: depois de uma pergunta, o silêncio pode prefaciá-la.

Dentro de uma conversação, o tempo é real, os recursos de reparação e correção são necessários e muito utilizados. Segundo Marcuschi (2003), há vários tipos de correção: autocorreção auto-iniciada; autocorreção iniciada pelo outro; correção pelo outro e auto-iniciada; e por fim correção pelo outro e iniciada pelo outro. De um modo geral, as correções podem influenciar a forma e a ordem dos constituintes da frase, portanto, podem tornar-se elementos importantes para explicar fenômenos sintáticos.

#### 3.3.4.1.3 Organização de seqüências

Pares conversacionais ou pares adjacentes, termos introduzidos por Schegloff (1972), são “seqüências de dois turnos que concorrem e servem para a organização local da conversação” (MARCUSCHI, 2003, p. 35).

Marcuschi (2003) apresenta diversos tipos de pares conversacionais: pergunta-resposta; ordem-execução; convite-aceitação/recusa; cumprimento-cumprimento; xingamento-defesa/revide; acusação-defesa/justificativa e pedido de desculpa-perdão. Ainda segundo o autor (2003), esses pares conversacionais possuem algumas características principais, resumidas a seguir: a) extensão de dois turnos; b) posição adjacente; c) produção sucessiva por falantes diversos; d) ordenação com seqüência predeterminada; e) composição de uma primeira e de uma segunda parte; f) a primeira parte seleciona o próximo falante e determina sua ação; g) a primeira parte coloca o ponto relevante para a transição de turno. Na análise dos pares conversacionais, sua localização na atividade geral é mais importante do que o simples ato de fala.

As pré-seqüências, segundo Marcuschi, são “unidades cuja motivação é ou estabelecer a coesão discursiva, ou preparar o terreno para outra seqüência, ou unidades que contêm uma asserção”. (2003, p. 43). Há pré-pedidos, pré-convites, pré-ofertas e também pré-informações, etc. Em suma, pré-seqüências podem ser consideradas como um quadro preparatório para um futuro evento lingüístico. As aberturas de conversações telefônicas são representações das pré-seqüências. De acordo com Levison (1983), essas pré-seqüências são mais adequadamente entendidas como atos indiretos de fala e mostram que as pessoas preferem respostas positivas em vez de negativas.

Entre uma pergunta e uma resposta, é comum a inserção de seqüências de perguntas e respostas, as chamadas seqüências inseridas. As inserções entre pares podem ser representadas de diversas formas. Entretanto, sua característica interacional principal é servir não somente para esclarecimento, mas para manipulação das perguntas, orientando-as de alguma forma. Em debates políticos ou entrevistas são comuns as inserções.

No estudo da organização de seqüências conversacionais, não se pode esquecer a organização da preferência. Segundo Marcuschi (2003), esse é um termo proposto por Sacks e Schegloff (1974), para denominar as “diferenças características entre as diversas maneiras de os falantes realizarem ações alternativas não-equivalentes” (MARCUSCHI, 2003, p. 50), isto é, para referir-se às ações despreferidas em relação às preferidas na conversa. De um modo geral, “as segundas partes preferidas são não-marcadas e as segundas partes despreferidas são marcadas por algum elemento estrutural”. (MARCUSCHI, 2003, p. 50). Vale a pena ressaltar que as ações preferidas e despreferidas são social e culturalmente determinadas. Por exemplo, o esquema comum de um convite e aceitação de almoço seria: oferta-recusa-insistência-recusa/aceitação, uma aceitação imediata seria vista como um ato de impolidez.

#### 3.3.4.1.4 Organizadores globais: o caso da conversação telefônica

De um modo geral, uma conversação possui três seções básicas na sua estrutura, isto é, uma abertura, um desenvolvimento e um fechamento. A abertura geralmente apresenta o primeiro contato, manifestado mediante cumprimentos ou algo parecido. Existem várias formas de iniciar uma conversação, tudo depende da situação, das circunstâncias e dos meios para tanto usados.

As conversações telefônicas possuem características específicas que, acima de tudo, as distinguem da conversação face a face. Nas conversações telefônicas, o canal de contato é inteiramente lingüístico; todos os assuntos são resolvidos verbal e explicitamente; e a conversação telefônica é uma das poucas conversações que possuem início, desenvolvimento e fim.

Numa conversação telefônica, quem deve estabelecer o contato é o próprio telefonado, já que ele é quem tem o primeiro turno. Isso é o que Schegloff (1972) denomina:

*o telefonado fala primeiro*. Entretanto, as formas usadas são variáveis. Em geral, quem telefona consegue identificar o telefonado e, no mesmo turno, se auto-identificar. Além disso, também é muito usada a forma de se auto-identificar, utilizando “o reconhecimento do timbre ou qualidade da voz” (MARCUSCHI, 2003, p. 56). Ainda, segundo Schegloff (1972), existe uma regra para introduzir o assunto específico da conversação que é: quem telefona é quem deve propor o tópico.

Já o fechamento de uma conversação telefônica é mais complexo. De um modo geral, numa conversação particular, quem telefona é que deve iniciar o fechamento. No entanto, nos telefonemas formais, ambos os lados podem tomar a iniciativa da conclusão e isso é totalmente neutro. De uma forma geral, o início do fechamento sempre é dado no final do tópico discutido no telefonema, o que pode ser curto ou longo, dependendo da situação específica. Os fechamentos da conversação telefônica costumam ser prefaciados com um pré-fechamento.

#### 3.3.4.1.5 Marcadores conversacionais

Os marcadores do texto possuem funções tanto conversacionais quanto sintáticas, e podem ser divididos em três tipos: verbais, não-verbais e supra-segmentais. Os marcadores podem funcionar como iniciadores de turno ou unidade comunicativa, ou como finalizadores.

De acordo com o lingüista alemão Rath (1979), a expressão unidade comunicativa é empregada nesse caso, e funciona como substituto conversacional para frase. Rath (1979) ressalta que tanto na produção oral quanto na escrita, o sistema lingüístico é o único recurso para a construção de frase, porém as regras do estabelecimento da referida construção e os meios utilizados são diferentes e específicos. Em relação à gramática, as unidades comunicativas são “marcadas por pausas, pela entonação e por certos elementos lexicais ou paralexicais”. (MARCUSCHI, 2003, p. 62).

Marcadores são palavras ou expressões bastante estereotipadas. Eles aparecem no contexto geral, particular ou pessoal da conversação, e não dependem especialmente de informações novas para o desenvolvimento do tópico.

Os recursos não-verbais, ou seja, paralingüísticos, tais como o riso, o olhar, a gesticulação do corpo, ocupam um lugar importante na interação face a face, têm a função de estabelecer, manter e regular o contato.

Já os recursos supra-segmentais são de natureza lingüística e não-verbal. São as pausas e o tom de voz. As pausas podem influenciar as mudanças de turno nas conversações informais. De acordo com Rath (1979), as pausas podem ser divididas nas seguintes formas: 1) pausas sintáticas, que são de ligação ou de separação; 2) pausas não-sintáticas, que são de hesitação ou de ênfase. Segundo Rath (1979), essa divisão ainda apresenta algumas falhas, porém uma correta demarcação das pausas na transcrição sempre é importante para a análise do texto. Além das pausas e do tom de voz, a entonação, a cadência e a velocidade também fazem parte dos recursos supra-segmentais que podem caracterizar e marcar relações pessoais e de conteúdo.

De acordo com Marcuschi (2003, p. 66), os sinais verbais podem ser divididos em dois grupos, que são sinais do falante e sinais do ouvinte. E cada um deles pode ter funções conversacionais e funções sintáticas. As funções conversacionais são consideradas sob dois aspectos: 1) sinais produzidos pelo falante, que geralmente servem para manter o turno; 2) sinais produzidos pelo ouvinte, que funcionam dentro do turno de um interlocutor e, muitas vezes em sobreposição, servem para dar orientação ao falante em relação à recepção. Já as funções sintáticas podem se responsabilizar não somente pela sintaxe da interação, mas também pela segmentação e pelo encadeamento de estruturas lingüísticas, o que pode provocar uma forte relação entre a sintaxe da interação e a gramatical. As posições dos sinais variam de acordo com o falante ou o ouvinte. Os sinais do falante podem aparecer no início, no meio ou no fim do turno, já os do ouvinte, de um modo geral, aparecem na concordância com o tópico ou na discordância.

Existem diversos tipos de sinais e, segundo Marcuschi (2003), podem ser divididos em sinais de tomada de turno, sinais de sustentação de turno, sinais de saída ou entrega de turno, sinais de armação do quadro tópico, sinais de assentimento ou discordância e sinais de abrandamento. Esses últimos sinais podem ser a forma passiva, marcadores de distanciamento, marcadores de rejeição, verbos parentéticos, indagações pospostas e evasões.

### 3.3.4.1.6 Coerência conversacional e organização do tópico

A conversação, de acordo com Marcuschi é “organizada por estratégias de formação e coordenação”. (2003, p. 75). O tópico de uma conversação é desenvolvido por dois ou mais falantes, provoca interação recíproca, orientada e local. A coerência é um dos organizadores relevantes da conversação, numa conversação sem coerência não haverá interação.

De um modo geral, o tópico que introduz o encontro dos interlocutores dá início às conversações. Uma conversação fluente faz a passagem de um tópico para outro naturalmente, porém é bastante normal que essa passagem seja marcada. Segundo Marcuschi, há uma regra principal de organizar tópico da conversação, que é: “dois turnos contíguos que apresentam o desenvolvimento do mesmo conteúdo seqüenciam o mesmo tópico; e dois turnos que não seqüenciam o mesmo conteúdo constituem uma mudança de tópico”. (2003, p. 80).

Há a possibilidade da queda de tópico entre a continuidade e a mudança. De acordo com Stech (1982), a mudança de tópico acontece quando o tópico alcança o seu fim; já a queda de tópico acontece quando há a interrupção do tópico, porém com possibilidade do retorno. Em relação à queda, encontram-se dois tipos da organização das seqüências, que são seqüências encaixadas e seqüências alternadas. As primeiras, segundo Marcuschi, acontecem “quando um tópico é introduzido como queda do tópico anterior, podendo então dar lugar ao retorno para conclusão do tópico original; já as segundas acontecem “quando um tópico é introduzido e ocasiona uma quebra no anterior, havendo então outra quebra do novo tópico, voltando ao anterior, sem, contudo, terminar o segundo”. (MARCUSCHI, 2003, p. 81). Esse processo pode ser repetitivo, sem que haja encerramento dos tópicos.

#### 4 MÉTODO

Gumperz (1999) esclarece que, devido ao foco da sociolingüística interacional – inferências cultural e contextualmente situadas –, realiza-se nessa perspectiva “ethnographically informed in-depth analysis of what transpires in an encounter”<sup>11</sup> (GUMPERZ, 1999, p. 459). O propósito principal desta análise é, segundo o autor, “show how diversity affects interpretation”<sup>12</sup> (GUMPERZ, 1999, p. 459). É nesse sentido que o estudo da alternância de código chinês-português aqui empreendido caracteriza-se como qualitativo, por sua base etnográfica.

Da mesma forma que a Lingüística Aplicada vivencia um redirecionamento do foco da análise do produto para o processo, a metodologia da coleta e da análise dos dados também vivenciou uma mudança da pesquisa quantitativa para uma investigação de base qualitativa, que leva em consideração as características do contexto social (MOITA LOPES, 1988). Uma vez que nesta pesquisa analisa-se a alternância de código chinês-português como um *input* para a inferência conversacional, faz-se necessária a adoção de base qualitativa. Conforme Viana (1990), há necessidade de um acompanhamento sistemático e de um instrumento que possa captar esse contexto, de forma bastante abrangente.

Na perspectiva da sociolingüística interacional aqui adotada, e conforme o apontado por Auer (1999, ver seção 3.2.3.1), a análise da alternância de código deve iniciar-se pela identificação da língua de preferência em um dado momento, chinês ou português, no caso do presente estudo. Em seguida, verificar se há mudança de *footing* ou enquadre interacional e, por fim, se a alternância contextualiza uma dada atividade (lingüística). Esses procedimentos inviabilizam a análise em tempo real, por isso a necessidade de registrar dados, preferentemente em áudio ou vídeo.

No presente estudo, como afirmou-se já em seu início, registraram-se diálogos da própria pesquisadora e de seu irmão e também aqueles realizados com seus amigos brasileiros e chineses, dentro e fora de casa, em situações como a convivência dos sujeitos em família, suas rotinas no ambiente de trabalho, na vida social, em supermercados, etc., isto é, sua convivência no dia-a-dia. Dois recursos foram utilizados: gravação em áudio e anotações em

---

<sup>11</sup>Análise profunda informada etnograficamente do que transpira em um encontro.

<sup>12</sup>Mostrar como a diversidade afeta a interpretação.

caderno. O gravador empregado é digital (Powerpack, DVR - 1600 Plus). Os dados foram coletados durante três meses, por gravações espontâneas, sem definição de dia ou horário. Os participantes das conversas gravadas tinham ciência da gravação, e consentiram que fossem utilizadas para pesquisa, embora não soubessem exatamente de que se trataria, para garantir a espontaneidade das manifestações. Para complementar, na ausência da gravação, muitas conversas foram anotadas num caderno específico logo após a realização dos diálogos.

Os dados foram coletados nas seguintes situações de conversa:

- entre a pesquisadora e seu irmão sozinho em casa e fora de casa;
- entre a pesquisadora, seu irmão e sua mãe em casa e fora de casa;
- entre a pesquisadora e seu irmão diante da TV ligada, com comentários sobre o programa;
- entre a pesquisadora e seu irmão fazendo compras;
- entre a pesquisadora, seu irmão e seus amigos brasileiros;
- entre a pesquisadora, seu irmão e seus amigos chineses;
- entre a pesquisadora e seu irmão no telefone;
- entre a pesquisadora e seu irmão no telefone, com a presença de outras pessoas por perto;

O tempo total de gravações foi de vinte horas. O tempo da gravação de cada conversa varia de acordo com o conteúdo de cada diálogo. Há gravações em torno de 5 minutos, outras demoraram mais de 4 horas. Entretanto, nessas gravações, houve longos diálogos somente usando chinês, na presença somente da pesquisadora e de seu irmão, e às vezes também com seus amigos chineses; e também houve longas conversas somente em português, diante dos amigos brasileiros. Portanto, esses diálogos monolíngües foram descartados. Somente foram selecionados e analisados os trechos em que ocorre alternância de código.

Foram também obtidos dados das anotações em caderno, especialmente nas situações em que houve alternância de código; porém, não foi possível gravar. Essas anotações foram sempre feitas logo após a conversa, geralmente não com a presença de outras pessoas.

Para sistematizar as vinhetas, bem como objetivar o trabalho, essas foram reunidas nas seguintes categorias:

- tecnologia de informação;
- cultura;
- papel emocional;
- papel funcional.

Na categoria *tecnologia de informação*, estão vinhetas sobre esses temas, e os participantes da interação são a própria pesquisadora Mei e seu irmão Bing.

Na categoria *cultura*, estão reunidas vinhetas mais claramente associadas às diferenças entre as culturas chinesa e brasileira, principalmente gaúcha. Analisam-se também as pessoas biculturais em relação à alternância de código.

Na categoria *papel emocional*, focou-se o interesse nas situações em que sentimentos emocionais, tais como alegria, felicidade, aborrecimento, fúria, etc., têm influência na alternância de código.

Na categoria *papel funcional*, reúnem-se vinhetas em que a alternância de código é aparentemente empregada para dar continuidade à comunicação, corrigir as falhas lingüísticas, aumentar a autoridade de falante, excluir alguém do contexto de comunicação, etc.

Um quinto conjunto de vinhetas, agrupadas sob o rótulo *estrutura gramatical*, é analisado estruturalmente no que se refere às interferências gramaticais do chinês no português, mesmo na alternância de código.

As vinhetas foram transcritas conforme Du Bois, Paolino e Cumming (1992), que propõem:

Letra normal:	Transcrição em chinês
Letra <i>itálico</i> :	Transcrição em português ou tradução para português
Letra <b>negrito</b> :	Partes a serem analisadas
Letra MAIÚSCULA:	Aumentar o volume
(?)	Levantar entonação
(.)	Parar de decadência de entonação

::	Prolongar som ou sílaba
a)	Duração de pausa em segundos (0.4 ou acima)
{ }	Transcrição incerta
@	Risos
~	O tom jocoso das falas
*	A TV está ligada
+	A conversa é no fone
=	A conversa é na estrada
#	A conversa é em casa
^	Erro gramatical ou nome próprio
[ ]	Palavras ou frases foram omitidos, mas compreendidos pelos falantes

No próximo capítulo está a análise das vinhetas.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise empreendida tem como foco as inferências conversacionais para as quais a alternância de código é *input*. Como afirmado no capítulo 4, busca-se verificar a língua preferida no momento da interação, mudanças de *footing*, ou enquadre associado à alternância de código e a atividade lingüística por ela contextualizada. Como esclarecido no capítulo 4, os dados foram segmentados em vinhetas, e essas, organizadas em cinco categorias, a serem a seguir apresentadas.

### 5.1 Tecnologia de informação

Desde a invenção da primeira máquina a vapor no século XVIII, na Inglaterra, a sociedade humana tem enfrentando mudanças radicais, as chamadas revoluções industriais, todas elas possuem forte influência na vida diária. A mais recente revolução que testemunhamos é a revolução na informação e comunicação. A tecnologia de informação e comunicação (computador, internet, telecomunicação, etc.) ocupa um importante papel, que ajuda tanto a acelerar o processo da globalização, quanto facilitar a interação verbal e vivência cotidiana dos imigrantes de origens diferentes. E, ao mesmo tempo, as palavras e expressões novas são criadas e usadas na vida diária, e contribuem ao novo modo de comunicação verbal para os imigrantes bilíngües.

Nesta seção, são analisadas quatro vinhetas relacionadas às tecnologias modernas na vida cotidiana dos imigrantes chineses que vivem no Estado do Rio Grande do Sul (RS). A língua preferida nessas situações é o chinês, na variedade dialetal de Guiyang, e a alternância em questão é para o português.

#### Vinheta 1: No telefone

1. + M: Wei!  
(Alô!)
2. B: Wei!  
(Alô!)
3. M: Ni you ge *fax*.  
(Oi! Tem um fax para você.)

4. B: *Sobre o quê?*
5. M: *Ni you ge cliente de hospedagem da bu kai site.*  
(*Há um cliente de hospedagem que não consegue abrir o site dele.*)
6. B: *Shi na ge domínio?*  
(*Qual é o domínio?*)
7. M: *www.nomedodomínio.com.br*
8. B: *e-mail ne?*  
(*E o e-mail?*)
9. M: *email@nomedodomínio.com.br*
10. B: *Ok. Vou dar uma verificada.*
11. M: *Tá bom. Tchau!*
12. B: *Tchau!*

Esse é um trecho de comunicação telefônica da pesquisadora Mei (doravante M) e seu irmão Bing (doravante B). M está informando e relatando a B sobre o problema de um cliente de hospedagem de *site*. A pesquisadora M possui uma empresa de prestação de serviços de informática, e a empresa oferece serviços de criação de *sites*, desenvolvimento de sistemas de informações baseados na Web e hospedagem de *sites*. B a auxilia nesse campo de trabalho juntamente com outros empregados.

A conversa gira em torno das tecnologias modernas. Nela há a alternância de código chinês-português e também o emprego de unidades lexicais em Língua Inglesa, como os monolíngües-português fariam na mesma circunstância.

O diálogo inicia-se em chinês com *wei* (turno 1), a palavra chinesa mais comum para iniciar conversa no telefone, e termina com o código alternado para português *tchau* (turno 12), a forma mais conhecida de despedida no Brasil.

Após a abertura, no desenvolvimento da conversa, M (turno 3) refere o recebimento de um fax usando essa unidade, apenas, em meio ao chinês. A presença de *fax* no enunciado, unidade também empregada por brasileiros na fala monolíngüe-português, é pista de contextualização da conversa no âmbito das relações de trabalho, conforme o enquadre de atendimento ao cliente. A alternância para o português, num enunciado completo (turnos 4, 10 a 12) é conseqüência disso. No turno 3, estão presentes no enunciado unidades da Língua

Inglesa que, no próprio português, são empregadas para designar o mesmo objeto/entidade. A esse respeito, cabe prestar esclarecimentos. De fato, existe a expressão *chuan zhen (fax)* em chinês, porém, na vida cotidiana da pesquisadora bilíngüe, a palavra *fax* é muito mais pronunciada em vez de *chuan zhen*, porque a palavra *fax*, como telefone, é usada dia a dia no trabalho de M.

A pesquisadora M já mora no Brasil há 16 anos. Quando ela morava na China, o telefone residencial ainda era algo raro, como também o aparelho de fax. Tanto o aparelho de fax quanto a palavra *chuan zhen (fax)* eram raramente usados na época. Ela aprendeu a falar e usar o fax no Brasil. Portanto, mesmo numa conversa em chinês, a unidade *fax* é empregada.

Internet foi descoberta ainda na década de 60, porém somente tornou-se mais popular nos últimos 15 anos. Palavras e expressões como *site*, *hospedagem de domínio* e *endereço de e-mail* são frutos dessa tecnologia moderna.<sup>13</sup>

Essas novas palavras surgiram com a cultura da internet, mesmo em uma conversa com língua-base em chinês. Nos turnos 5 a 9, os irmãos bilíngües retornam seu código de comunicação ao chinês, língua de preferência. As expressões em chinês *wang ye ke fu* e *wang ye* são alternadas para *cliente de hospedagem*, *site*, respectivamente (turno 5); *yu min* para *domínio* (turno 6) e *dian zi you jian* para *e-mail* (turno 8).

Observa-se que nessa comunicação acontece uma alteração contextual a que a alternância de código serve de *input*. Os turnos 1 e 2 são iniciados como uma conversa telefônica familiar corriqueira, porém o turno 3 passa a ser um assunto profissional, quando o bilíngüe B enquadra o telefonema no conteúdo de trabalho, alternando seu código de chinês para português (turno 4), o que se deve às vivências profissionais de M e B no Brasil, bastante ligadas à tecnologia e aos serviços. Algo similar se pode verificar nas vinhetas seguintes.

## **Vinheta 2: Antes de sair para viagem**

1. # B: *Vamos?*
2. M: *Ni dai le notebook?*

<sup>13</sup> *Site* é um conjunto de páginas na internet. *Domínio* é um nome dado para facilitar o acesso a um determinado *site*. *Hospedagem de site* é um serviço que armazena os documentos de *sites* e os disponibiliza no ambiente virtual 24 horas por dia para os internautas. *E-mail* é uma mensagem eletrônica que é enviada/recebida via internet.

- (*Você já pegou o notebook?*)
3. B: Dai la.  
(*Sim.*)
4. M: *E câmara digital?*
5. B: *Também.*
6. M: @ Hehe, ni de ji xing bu cuo ma. ~  
(*Hehe, você tem boas memórias*)
7. B: Na dang ran, hehe. @ ~  
(*Lógico, hehe*)
8. M: *Então, vamos.*

Essa é uma conversa entre a pesquisadora M e seu irmão B antes de sair de casa para viajar dentro do Brasil, acontece minutos antes da viagem. A língua-base ou de preferência é o chinês. A conversa inicia com o pedido de B (abertura no turno 1), e termina com a confirmação de M (fechamento no turno 8), ambos em português. Há um pré-fechamento (turnos 6 e 7), que preparou o terreno para o fechamento em seguida. No desenvolvimento da conversação, acontece alternância de código entre português, chinês e português, com emprego de unidades designadoras de aparelhos em Língua Inglesa.

Apesar de B empregar o português no convite que faz à família, a réplica de M em chinês enquadra a conversa no âmbito das relações familiares. A unidade *notebook* é empregada de empréstimo, como ocorre em português, e a resposta de B (turno 3) conforma-se ao enquadre, estando em chinês. A alternância para o português ocorre nos turnos seguintes (4 e 5), desencadeada por *câmara digital*, retornando ao chinês por um comentário pessoal/familiar, com réplica (turno 7) também em chinês. Os bilíngües adotam um tom jocosos, brincam entre si. Mudando o enquadre, M, no turno 8, emprega português, passando da conferência/cobrança familiar para o passeio em terras brasileiras.

É interessante notar o emprego de línguas diferentes para designar aparelhos: *notebook* e *câmara digital*. São dois tipos de produtos que não existiam antes de a pesquisadora sair da China, portanto, M não tem costume de nomear esses produtos com nome em chinês. Em contrapartida, no ambiente em que ela vive (o Brasil), essas unidades lexicais são freqüentemente usadas, e M refere tais produtos usando a Língua Portuguesa como fazem os brasileiros.

### Vinheta 3: Navegando na internet

1. # M: Zen me ba zhe ge wen jian *baixar* xia lai a?  
(Como baixar este arquivo?)
2. B: An zher.  
(Clique aqui.)
3. M: E agora?
4. B: Clique no salvar e escolha um local para armazenar.
5. M: Hui bu hui you *vírus*?  
(Pode ter vírus?)
6. B: Xia zai hou, zui hao yong *Norton* e *Ad-Aware* cha yi xia.  
(Depois de baixar, é melhor verificar com *Norton* [um programa ante-vírus] e *Ad-Aware* [um programa anti-spywares]).
7. M: OK.

Navegar na internet e buscar informações são privilégios do mundo moderno. Graças à tecnologia da Web, facilitou-se o trabalho e a vida pessoal dos usuários. Entretanto, a tecnologia também traz preocupações às pessoas, tais como inúmeros *vírus*, *spywares*, etc.<sup>14</sup>

A conversação ocorre no âmbito familiar, e enquadra-se à consulta de informações. A pesquisadora M, como a maioria das pessoas, usufrui dos recursos da internet, como navegar, baixar arquivos e programas pela Web. Num sábado à tarde, em casa, a pesquisadora necessitou baixar um arquivo da internet e transferi-lo para seu computador local, mas teve dúvidas sobre procedimentos. Assim, ocorreu a interação e a comunicação verbal dessa vinheta.

Essa conversa organiza-se em pares conversacionais pergunta-resposta. O diálogo tem sua abertura com uma pergunta da bilíngüe M para seu interlocutor (turno 1), B, usando como língua-base o chinês, com inserção de algumas palavras em português. A réplica do seu interlocutor é no mesmo código (turno 2), na língua-base, o chinês. M alterna seu código de comunicação entre chinês e português. É interessante notar que B replica usando o mesmo código de M. De acordo com Grosjean (1982), esse é um dos fatores que influencia a

<sup>14</sup> *Vírus* é um tipo de programa que pode danificar os arquivos armazenados no computador, e às vezes, pode até afetar o próprio computador. Já *Spyware* é um programa que rouba as informações do computador local de outros.

alternância de código pelos bilíngües. Para fechar esse diálogo, M emprega termo inglês *OK* (turno 7), um termo internacionalmente conhecido.

Geralmente, a língua-base da conversação entre M e B é o chinês. Em meio a ela, há a inserção de unidades lexicais do português, como acontece no turno 1. Observa-se que, ainda no primeiro turno de conversa, a pesquisadora M já alterna o código para a palavra português *baixar* em vez de, em sua língua-base, *xia zai*. Isso se deve ao fato de a palavra *baixar*<sup>15</sup> ser um conceito novo e bastante utilizado entre os internautas brasileiros, bem como o termo *vírus*. No desenvolvimento da conversa, a pesquisadora muda seu código para português, empregando a palavra *vírus* (turno 5). Essa unidade lexical é pista de contextualização da interação verbal no âmbito tecnológico, ligado às atividades profissionais desenvolvidas no Brasil, conforme o enquadre consulta de informações.

Observa-se que o interlocutor B, na maioria das vezes, responde às perguntas da pesquisadora M usando o chinês como língua-base; porém, quando cita o termo técnico, ou seja, as palavras criadas no mundo moderno e conforme a alta tecnologia, ele alterna seu código de comunicação para o português, empregando as palavras *Norton* e *Ad-Aware* (turno 6), que são nomes de programas de *anti-virus* e *anti-spyware*, respectivamente. Ainda conforme Grosjean (1982), um dos motivadores de alternância de código é citação de nome próprio.

M faz uma pergunta, mudando o código para o português *e agora* (turno 3); seu interlocutor B responde com o mesmo código (turno 4), para dar continuidade à conversa. Situações semelhantes acontecem nos turnos 5 e 6. No final da conversação, a locutora M faz o fechamento do diálogo com a palavra *OK* (turno 7). Embora seja um termo de origem inglesa, é bastante comum no Brasil. Existe a unidade equivalente *hao de* em chinês, mas M prefere usar uma expressão corriqueira no Brasil, o País onde os irmãos vivem, para encerrar esse trecho da interação. Assim fazendo, ela deu a entender não só que havia compreendido as instruções do irmão, como também não precisava mais de ajuda.

#### **Vinheta 4: Consulta saldo bancário pela internet**

1. # M: Jin tian yao jiao *mensalidade da universidade*, ni kan kan you mei you *saldo*?

<sup>15</sup> *Baixar* um arquivo é uma operação comum entre os internautas, porém, cada site pode ter maneiras diferentes para realizá-la, isso freqüentemente gera dúvidas para usuários como a pesquisadora.

*(Tenho que pagar a mensalidade da universidade hoje, você pode verificar se tivemos saldo [na conta bancária]?)*

2. B: Deng wo da kai *Home Banking*... *Tem sim.*  
*(Deixe-me abrir o Home Banking... Tem sim.)*
3. M: Kou le dian fei he dian hua fei ?  
*(Já foram descontadas as contas de luz e telefone?)*
4. B: Kou le, é débito automático.  
*(Já descontaram, é débito automático.)*
5. M: Na zhang *cheque* ne? já descontou?  
*(E aquele cheque? Já descontou?)*
6. B: Já, tem a imagem do *cheque* descontado aqui.
7. M: *Salva ele.*
8. B: *OK.*

Nessa vinheta, M e B conversam na sala de computador, em casa. M pergunta a seu interlocutor B sobre o saldo bancário, que serve como pista de contextualização nessa conversação. A organização de seqüências da conversa dá-se em pares conversacionais pergunta-resposta. Há diversas alternâncias de código entre as línguas portuguesa e chinesa, e o diálogo gira em torno da alta tecnologia de informação.

A abertura dessa conversação é sobre o pagamento de mensalidade de M. A locutora quer saber seu saldo bancário. Aproveitando o fato de B estar trabalhando no computador, pede a ele para verificar pela internet. Enquadra-se o evento em conferência de despesas domésticas, essas realizadas no Brasil, referidas por termos do português. Observa-se que, no turno 1, M já alterna o código para o português com a expressão *mensalidade da universidade* e o termo *saldo*. Apesar de existirem as expressões *da xue xue fei* e *cun kuan* no chinês, os bilíngües recorrem às unidades em português, ligados a vivências diárias em terras brasileiras.

Quando a pesquisadora M morava da China, a educação institucional era 100% grátis (embora recentemente a situação já tenha mudado), por isso, ela nunca precisou se preocupar com o pagamento da mensalidade, pois não existia. Entretanto, no Brasil, essa preocupação é comum e importante no cotidiano estudantil.

A tecnologia moderna afeta significativamente a vida dos bilíngües. Em geral, o sistema bancário é bastante diferente entre o Brasil e a China. Quando a pesquisadora morava na China, não existia cheque pessoal, o salário era pago, em dinheiro vivo, diretamente aos trabalhadores; as contas a pagar não eram debitadas na conta bancária do cliente. A maioria das pessoas não possuía conta bancária e, conseqüentemente, não tinha costume de conferir saldo no banco. Entretanto, no Brasil, o sistema bancário é mais desenvolvido e moderno, os brasileiros geralmente recebem salário pelo banco. Consultar o saldo é uma atividade comum na vida brasileira. Mesmo em uma interação em chinês como língua-base, palavras como *mensalidade* e *saldo* brotam naturalmente em português pelos interlocutores.

Nesse diálogo, cabe ressaltar algo que acontece com freqüência na prática de comunicação entre bilíngües. Observa-se que M inicia o diálogo em chinês, mas em seguida alterna para o português com as unidades *mensalidade da universidade*, *saldo* (turno 1), e é respondida pelo seu interlocutor B em chinês, mas logo muda seu código para português no final da resposta *tem sim* (frase 2). A alternância de código em curta oração é muito praticada pelo bilíngüe, talvez como recurso de ênfase ou realce ao tópico da conversação.

No desenvolvimento da conversação, os irmãos bilíngües continuam alternando seus códigos entre chinês e português. No terceiro turno, M quer saber se já foram descontadas algumas contas, e seu interlocutor responde usando a língua-base, o chinês; porém, no turno 4, para reforçar sua idéia, B muda o código para o português *é débito automático*. Essa mesma situação se repete com M no turno 5. Em decorrência, nos turnos 6 e 7, sobre tecnologia e contextualizando atividade realizada no Brasil, a conversa alterna totalmente para o português pelos irmãos bilíngües.

No turno 7, M pede a B para salvar a imagem do cheque descontado no computador local, usando simplesmente a expressão *salva ele* em vez de *baocun ta*, do chinês. Com o avanço tecnológico, atualmente cada cheque pago pelo consumidor pode ser escanido pelo banco e fica disponível na internet para o cliente consultar num determinado período. Para que possa manter essas informações permanentemente, a pessoa somente necessita baixar a imagem e salvá-la num lugar seguro no computador local. Isso é conseqüência do desenvolvimento da alta tecnologia e da informação moderna, e não existia na época em que a pesquisadora M morava na China. Portanto, quando se refere ao evento, alterna seu código de comunicação verbal para o português, é muito mais natural, claro e objetivo para

entendimento de ambos os bilíngües, já que são termos criados recentemente e usados com frequência pelos mesmos no ambiente em que vivem.

## 5.2 Cultura

A língua não é somente uma ferramenta de comunicação, ela também é um símbolo de identidade social ou de grupo, um emblema da filiação e solidariedade do grupo (GROSJEAN, 1982, p. 117). Para os bilíngües, a língua que escolhem, a forma como falam não é somente uma questão lingüística, mas também tem ligação com o grupo, a sociedade e principalmente com a cultura que a pessoa possui. Nesta seção, analisam-se vinhetas em que a alternância de código está ligada a aspectos culturais dos chineses no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul.

Em muitos casos, como no dos sujeitos do presente trabalho, os imigrantes saem de um grupo social e entram noutra sociedade bem diferente. Sofrem um choque cultural no início da sua imigração. Com o tempo, eles adaptam-se à nova cultura, sem no entanto deixar para trás a sua de origem, o que pode causar mudança nos hábitos e costumes dos imigrantes.

No Rio Grande do Sul, o cultivo às tradições gaúchas é muito forte, o que é percebido e, por vezes, praticado pelos imigrantes. Entretanto, as tradições e os costumes de origem dos imigrantes continuam a ocupar um papel importante, reforçando a permanência da cultura original, o que, como ocorre com M e B, permite considerá-las pessoas biculturais.

Nesta seção, procura-se analisar quatro vinhetas dos irmãos bilíngües relacionadas ao encontro das culturas chinesa e brasileira, em especial a gaúcha. Como na categoria anterior, a língua-base da conversa é o chinês, no dialeto de Guiyang, e há alternância de código para o português. Exceto na vinheta 6, em que a língua base é o mandarim, e o diálogo alterna-se o português e a língua oficial da China.

### Vinheta 5: Churrasco no domingo

1. # B: Jin tian zuo hao chi de.  
(*Hoje faremos uma boa comida.*)
2. M: Shen me?

- (O quê?)
3. B: *Churrasco!*
4. M: *Legal, dan ni hui temperar a carne?*  
(*Legal, mas você sabe temperar a carne?*)
5. B: *Hen rong yi la, jia sal grosso jiu xing na.*  
(*É fácil, somente colocar sal grosso.*)
6. M: *E o fogo?*
7. B: *Já comprei um saco de carvão.*
8. M: *Ni mai le farinha ma?*  
(*Comprou a farinha?*)
9. B: *Hum, esqueci...*
10. M: *Mei guan xi.. oba, jin tian wo men inaugurar a churrasqueira!*  
(*Tudo bem.. oba, hoje vamos inaugurar a churrasqueira!*)

A vinheta apresenta um trecho de conversação entre a pesquisadora e seu irmão, B, que acontece num domingo de manhã em casa. Falam sobre a comida típica gaúcha, o churrasco. O diálogo é sobre uma idéia de prato para uma refeição e o enquadre interacional pode ser denominado conferindo conhecimento para o preparo de churrasco.

A conversa tem como abertura uma comunicação animada de B, causando um certo suspense sobre a comida que irá preparar. O primeiro turno é feito na língua-base, a chinesa. A réplica (turno 2) é feita mediante uma pergunta no mesmo código. No turno 3, o emprego do termo *churrasco* desencadeia inserções em português nos turnos seguintes (4 e 5), até que as réplicas nos turnos 6 e 7 são feitas completamente em português. No turno 8, M alterna para chinês, com nova inserção em português, justamente um termo de alimento que acompanha o item de culinária em torno do qual gira a conversa, o que contextualiza a conversa no âmbito das atividades realizadas no Brasil, razão da réplica de B (turno 9) em português. No fechamento, M encerra com um enunciado em chinês, em que demonstra compreensão, embora tanto a exclamação *oba!* quanto a frase *inaugurar a churrasqueira* venham em português, língua ligada ao conteúdo da conversa.

A pesquisadora e seu irmão se mudaram para um novo apartamento recentemente. Depois da mudança, num domingo de manhã, B resolve fazer um churrasco para a família, e assim inicia-se a conversa. Fazer churrasco e reunir a família inteira no domingo é uma forte

tradição e costume no Rio Grande do Sul. Entretanto, na China, não existe esse tipo de costume de fazer churrasco (*kao rou*) em casa. Depois de algum tempo de convivência com os gaúchos, os imigrantes orientais no Rio Grande do Sul adquirem esse costume familiar e regional. Juntamente com o item de culinária, passam a empregar unidades lexicais a ele referentes e, como pistas de contextualização, essas unidades enquadram os eventos de modo a que as interações possam ocorrer em Língua Portuguesa.

Para fazer churrasco, geralmente é preciso temperar a carne com sal grosso, fazer fogo com carvão, depois assar carne na churrasqueira. E, para degustar, farinha é um típico acompanhamento da comida, e é bem conhecido na terra gaúcha. Portanto, mesmo numa conversa com língua-base chinesa, os bilíngües M e B utilizam expressões e/ou termos como *temperar a carne* (turno 4), *sal grosso* (turno 5), *carvão* (turno 7), *farinha* (turno 8) e *churrasqueira* (turno 10). As alternâncias de código chinês-português são influenciadas pela cultura gaúcha, o que repercute também na interação pela conversa.

#### **Vinheta 6: Na despedida**

(Despedindo-se da amiga brasileira R, e da família chinesa P)

1. R: *Tchau, Xiaomei, valeu.*
2. M: *Tchau, amiga, obrigada! A gente se liga!* (M beija R no rosto para se despedir)
3. R: *Tchau, Senhora, Senhor. Foi um prazer.*
4. Sra. P: *Tchau.*
5. Sr. P: *Tchau, o prazer é nosso!*
6. F: *Tchau.*

(A família P também se despede da anfitriã; M troca beijos no rosto com a filha F, abraça a Sra. P, e aperta a mão do Sr. P)

7. Sra. P: Hao, ni men jin qu ba!  
(*Bom, por favor entrem!*)
8. Mãe: Mei guan xi. Chang lai wan a!  
(*Não se preocupem. Apareçam sempre!*)
9. M: Xie xie a! F, zan men xia ci zai da [*ping-pong qiu e sinuca*].  
(*Obrigada! Feifei, vamos jogar [ping-pong e sinuca] novamente próxima vez.*)
10. F: *Oba! Vamos.*
11. Sr. P: Zou le a. Jin qu ba! Bie song le!  
(*Estamos indo. Entrem por favor! Não acompanhem mais!*)

12. M e Mãe: Hao, hao, zou hao a! bu song le.

(*Ok, está bem. Vão com Deus! Então, não vamos acompanhar mais.*)

Essa vinheta enquadra a conversa em interação como despedidas em encontro de amigos. Como se trata de uma reunião de amigos brasileiros e chineses, alternam-se chinês e português, conforme seus participantes. Observa-se que o modo de despedir-se de chineses e brasileiros é bem diferente.

Num domingo à tarde, a família da pesquisadora recebe amigos em casa. Os participantes desse encontro agradável são a família da pesquisadora, que é composta por M e B, e sua mãe, uma senhora monolíngüe-chinês; uma amiga brasileira, R, monolíngüe-português, e uma família chinesa: o Sr. e a Sra. P, ambos bilíngües chinês-português, e sua filha F, que nasceu no Brasil e não fala chinês, apenas português, mas consegue compreender aquela língua. No final do dia, as visitas despedem-se da família anfitriã. Segundo a tradição chinesa, M e sua mãe acompanham os amigos até a entrada do edifício e despedem-se.

Observamos que é diferente o modo de despedir-se de M, de seus amigos chineses e de sua amiga brasileira. A despedida da amiga brasileira é com beijos no rosto, conforme a tradição brasileira. Entretanto, a despedida da família chinesa é diferente: M beija a filha, F, já que esta é nascida no Brasil, ela carrega a cultura brasileira mais fortemente do que a chinesa. Portanto, M a trata como se fosse uma amiga brasileira; já com o Sr. e a Sra. P, M comporta-se seguindo a tradição e os costumes chineses.

Na presença da amiga brasileira, a língua-base da conversa praticada pela pesquisadora M é o português. Na despedida da amiga brasileira, M agradece sua presença e anuncia contato futuro com *Obrigada! A gente se liga!* (turno 2).

Já quando se trata da família chinesa, a língua-base é naturalmente alternada para o mandarim, a língua oficial da China. De acordo com a tradição chinesa, na despedida os chineses têm o costume de acompanhar os amigos na saída até o carro. Essa atividade é chamada de *song ke*, ou seja, despedindo-se das visitas. De um modo geral, os anfitriões costumam acompanhar seus convidados na saída por longa distância, não ficam apenas na porta de casa. O acompanhamento na despedida é importante para o anfitrião e as visitas. Percebe-se fortemente essa tradição nesta vinheta: o Sr. e a Sra. P pedem à família de M que

entrem em casa com *jin qu ba* (*entrem por favor!*, turnos 7 e 11) e não os acompanhe por uma distância maior, o que é expresso em chinês por *bie song le* (turno 11). A pesquisadora M deseja que seus amigos chineses sigam com Deus, e acolhe o pedido da família P dizendo *bu song le* (*então, não acompanhamos mais*, turno 12). Percebe-se na despedida entre chineses que estes mostram preocupação com o retorno de seus convidados a casa, de forma tranqüila e segura, o que um simples *tchau* não consegue expressar. Esse pequeno evento de despedida mostra claramente que a diferença de cultura provoca a diferença na língua e no comportamento dos bilíngües. Muitas vezes, as despedidas entre chineses encerram com o próprio assunto, e não com a palavra *tchau*, como é o costume brasileiro.

Na próxima vinheta, procura-se mostrar ainda a influência cultural na conversa cotidiana dos bilíngües chinês-português. A língua-base é o chinês, com alternância para o português.

### **Vinheta 7: Em casa**

(Conversando sobre o jantar dançante no CTG)

1. # B: Ji de Marcos ma?  
(Lembra do Marcos?)
2. M: Ji de. Zen me la?  
(Sim, o que tem?)
3. B: Ta qing wo men zhou mo qu CTG chi wan fan.  
(Ele nos convidou para jantar no CTG neste final de semana.)
4. M: É? Legal! Na ge CTG a?  
(É? Legal. Qual CTG?)
5. B: N. M. Ta shou hai you dança gaúcha!  
(N. M. Ele disse que tem dança gaúcha!)
6. M: Humm. Na jiu shi jantar dançante le.  
(Humm. Então, é jantar dançante.)
7. B: Sim, quer ir?
8. M: Vamos!

Nessa vinheta, B está conversando com M em casa, quando transmite o convite de um amigo. O diálogo entre os irmãos inicia-se em chinês, com uma conferência de informações. Essas referem-se a amigos e entidades culturais brasileiras. Unidades lexicais da Língua

Portuguesa são inseridas por B (turnos 1 e 3), e as réplicas de M vão alternando do chinês (turno 2), exclusivamente, para chinês com unidades do português (turnos 4 e 6), como faz B (turnos 3 e 5). A interação pela conversa evolui para um convite a um baile de CTG, enquadrado com o auxílio de unidades da Língua Portuguesa, razão pela qual o convite em si (turno 7) e sua aceitação (turno 8), isto é, a estrutura conversacional convite-aceitação, ocorre pela alternância completa ao português.

CTG é abreviação do Centro de Tradições Gaúchas, entidade associativa organizada de finalidade sociocultural, que tem os objetivos de zelar pelas tradições e lutar por uma maior elevação moral e cultural no Rio Grande do Sul. Através de CTGs, os tradicionalistas organizam atividades para preservar a cultura e as tradições gaúchas de geração para geração, danças, música, entre outras atividades típicas do Rio Grande do Sul.

Os imigrantes na terra gaúcha acompanham e participam ativamente da cultura do Rio Grande do Sul. A presente vinheta demonstra isso com clareza. Mesmo numa conversa com língua-base chinesa, o termo CTG é citado (turnos 3 e 4). Quando são referidas as atividades dos CTGs, os códigos são alternados, por exemplo: *dança gaúcha* (turno 5), *jantar dançante* (turno 6).

Vemos na próxima vinheta outro exemplo da influência da cultura na interação pela conversa dos sujeitos deste estudo, imigrantes chineses no Rio Grande do Sul.

### **Vinheta 8: No mercado**

(Conversando sobre chimarrão)

1. B: Mei, ni kan, zhe jiu shi zuo *chimarrão* de *erva-mate*.  
(*Mei, olha, essa é a erva-mate para chimarrão.*)
2. M: En. Wo hai shi bu xi guan he *chimarrão*. *Muito amargo!*  
(*Hum. Eu ainda não acostumei a tomar chimarrão. É muito amargo!*)
3. B: *É verdade*. hai shi cha hao he.  
(*É verdade. Chá é melhor!*)

Esse é um pequeno trecho de conversa entre os irmãos bilíngües num supermercado. O enquadre é comentando e escolhendo produto, a erva-mate, ingrediente básico num dos costumes típicos gaúchos, o chimarrão.

Chimarrão é uma bebida feita com erva-mate e água quente, colocada dentro de uma cuia, e tomada por meio de uma bomba. Embora nem todos os imigrantes adquiram o costume de tomar chimarrão, essa prática é bastante conhecida por todo mundo. Nesse caso, as expressões e os comentários sobre essa prática típica da região brotam com muita facilidade. Portanto, mesmo numa conversa em chinês, como língua-base, há alternância para o português no turno 2, a partir do emprego da unidade *chimarrão*, que se mantém no início do turno 3, quando B concorda com a afirmação de M.

É interessante notar que os imigrantes podem alternar seus códigos em conversas com outros bilíngües, como é o caso de M e B em interação com outros imigrantes chineses no Rio Grande do Sul. A alternância de código é prática natural e freqüente na vida do bilíngüe, e brota com muita facilidade.

### 5.3 Papel emocional

A situação emocional de uma pessoa influencia sua fala e seu entendimento lingüístico. É um fato bem conhecido que, quando um bilíngüe está numa situação de forte emoção, sua forma de se comunicar e as palavras escolhidas para falar alternam e tornam-se diferentes de um emprego corriqueiro. Para os bilíngües, a alternância de código acontece freqüentemente nesse tipo de situação emocional.

Às vezes, frases que expressam sentimentos e emoções da língua local são mais marcantes do que as de sua língua nativa. Isso se deve ao fato de que as formas lingüísticas ligam-se a práticas sociais realizadas no país que os acolheu. Assim, quando precisam, eles as utilizam automaticamente, mesmo num ambiente de conversas cuja língua-base é a materna. A seguir, apresentam-se três vinhetas relacionadas a esse papel, o emocional. A língua-base nas três é o chinês, no dialeto de Guiyang. Na primeira, apenas, além de alternância para o português, há o emprego de seqüências em inglês.

#### Vinheta 11: Na mesa de refeição

1. B: *OBA, que chique. Jin tian chi MA ZUO de churrasco a? @*  
(*OBA, que chique. Hoje vamos comer o churrasco FEITO POR MÃE?*)
2. M: *É. MAdE in CHINA! @*

(É. FEIto na CHINA!)

3. Mãe: Hehe. Wo xiang shi yi xia ni mai de na ge ji qi hao bu hao yong. @

(Hehe. Eu queria experimentar aquela máquina que você comprou para ver é fácil de usar ou não.)

A conversa acontece em um almoço em família. Quando a mãe da pesquisadora faz um churrasco, utilizando, pela primeira vez, uma churrasqueira eletrônica, B fica surpreso e faz um elogio com um tom meio exagerado.

A conversa enquadra-se a um elogio à culinária à moda brasileira, especificamente a moda gaúcha, região em que a família chinesa vive no País. As seqüências *Oba, que chique e churrasco* (turno 1) conduzem a interpretação da conversa não só ao fato de a mãe ter cozinhado bem, mas de tê-lo feito diferentemente, conforme as práticas culinárias locais brasileiras. As alternâncias de código sinalizam os focos de atenção da conversa e o enquadre de eventos.

Com uma surpresa agradável, B inicia a conversa em português, usando palavras que exprimem emoção, tais como *oba, que chique*, mostrando sua surpresa. Esse tipo de situação é muito freqüente, os imigrantes preferem utilizar expressões da língua do país onde passaram a viver do que de sua língua materna, quando ligadas a práticas sociais da nova cultura, mesmo no ambiente familiar, com a língua-base chinesa. Aqui, a pesquisadora brinca usando a frase *Made in China* (turno 2), em inglês, embora exista expressão equivalente em chinês, *zhong guo zhi zao*. Isso se deve à influência econômica da China no mundo: constatada a internacionalização dos chineses, M adota um tom jocoso na sua fala, enquadrando o evento como brincadeira.

Pode-se ver a marca emocional também na seguinte vinheta, em que, diferentemente das anteriores, o português se faz mais presente.

### **Vinheta 12: Assistindo à TV e fazendo comentários**

(TV mostra que o funcionamento dos aeroportos está voltando a normalizar)

1.\* M: OBA, oba. Olha só! Zhe hen importante.

(Oba, oba. Olha só! Isso é muito importante.)

2. B: *Ainda bem!* Bu ran de hua wo men hai bu zhi dao yao zai *aeroporto* deng duo jiu ne.  
(*Ainda bem! Senão, a gente nem saberia que teria que esperar tanto tempo no aeroporto.*)
3. M: Dan shi *GRAÇAS a Deus, JÁ estão normalizando.* (Aliviada)  
(*Mas graças a Deus, já estão normalizando.*)
4. B: *É verdade.*
5. M: Zhi shao wo men dao *Fernando de Noronha* de fei ji bu hui *atrasar* le. @  
(*Pelo menos o avião que pegaremos para Fernando de Noronha não irá atrasar.*)
6. B: *Sim.*

Esse trecho de conversa ocorreu num período muito especial, em que a maior companhia área do Brasil estava tendo alguns problemas. Como consequência, houve muitos cancelamentos de vôo. Infelizmente a família da pesquisadora já tinha programada viagem no período de Natal e tinha bilhetes comprados antecipadamente para voar pela empresa aérea que estava com problema. A incerteza de poder voar ou não gerou muita preocupação para a família.

O emprego de português no início do trecho de interação é pista de contextualização para um fato da realidade brasileira, sobre o qual passa a se desenvolver a conversa. A interjeição *Oba!* enquadra o evento em comentário de alívio. No momento em que acontece o presente diálogo, a pesquisadora e seu irmão estão assistindo à TV juntamente, M se anima com o noticiário da TV informando que a empresa aérea voltou a operar normalmente. Ela ressalta sua alegria com a expressão *Oba* (turno 1), muito utilizada na Língua Portuguesa, no ambiente em que a bilíngüe mora. Para chamar a atenção do seu interlocutor, B, no mesmo turno, ela utiliza a expressão *olha só*, e para destacar ainda mais a importância da notícia, ela alterna o código de sua língua-base, o chinês, para o português, com a palavra *importante* (turno 1). Seu interlocutor, B, também mostra alívio e satisfação falando *ainda bem* (turno 2), e volta ao chinês, dando continuidade à notícia agradável recebida. A pesquisadora M continua alternando seu código de comunicação com o interlocutor, exclamando *graças a Deus* (turno 3), uma expressão muito utilizada em seu dia-a-dia no Brasil, para mostrar seu forte sentimento de alívio, dando seqüência ao turno em português, ao que B replica também em português (turno 4).

O papel emocional é um fator importante em relação à alternância de código. A seguinte vinheta também demonstra isso.

**Vinheta 13: Ultrapassagem indevida**

(B realiza uma ultrapassagem indevida)

1. = M: *Maluco!* SHI XIAN BU NEN CHAO CHE!  
(*Maluco! NÃO PODE ULTRAPASSAR EM LINHA CONTÍNUA.*)
2. B: Mei you che... Lu hen zhi...  
(*Sem carro... E a estrada é bem reta...*)
3. M: Dan shi bu ke yi! *OLHA, OLHA, POLÍCIA! Está te parando.*  
(*Mas não pode! OLHA, OLHA, POLÍCIA! Está te parando.*)
4. B: *Que droga!*

A conversa acontece dentro do carro, numa estrada de alta velocidade, no retorno para casa de uma viagem da pesquisadora com seu irmão, poucos quilômetros antes de chegar a uma cidade. B está dirigindo atrás de um carro lento já por alguns minutos, e começa a ficar impaciente com a lentidão. Então, quando vê uma pista longa e reta, mesmo com linha contínua, resolve fazer uma ultrapassagem, já que não vinha veículo em sentido contrário, na outra pista. Entretanto, tem uma surpresa desagradável no fim.

O diálogo consiste numa discussão familiar entre os irmãos, e as exclamações em português conformam-se aos enquadres xingamento, alerta e expressão de raiva, todos relativos à realidade e a práticas sociais brasileiras. A conversa inicia com o grito de aborrecimento de M, a palavra *maluco* mostra o seu pensamento numa situação inesperada (turno 1). Embora B tente argumentar calmamente na língua-base da conversa (turno 2), o chinês, percebe que um policial dá ordem para parar o carro. É quando o aborrecimento de M chega a um ponto mais alto, e ela alterna outra vez o código de conversa para o português com *OLHA, OLHA, POLÍCIA* para mostrar o que está vendo (turno 3). Percebe que o bilíngüe B demonstra seu desapontamento e irritação através da expressão *que droga* (turno 4). Observa-se que todas essas alternâncias de código expressam mais do que a simples informação, conformam-se ao teor emocional da situação, constroem sentidos relativos à realidade local.

## 5.4 Papel funcional

Nessa seção, apresentam-se seis vinhetas ligadas ao papel funcional da alternância de código. Esse corresponde ao uso da alternância para excluir alguém da conversa, dar maior relevo ao papel do interactante pelo seu suposto maior conhecimento sobre o tópico da conversa, entre outros. A língua-base da conversa é o português, e o código alternado é o chinês na maioria das vinhetas selecionadas. Porém, também há algumas conversas feitas com a língua-base em chinês, no dialeto de Guiyang, e o código é alternado para o português.

### Vinheta 14: Na loja de móveis

(A pesquisadora M e o irmão B estão conversando com a vendedora V sobre um projeto de móveis sob medida)

1. V: *Bom! Eu fiz um outro projeto, vou mostrar para vocês, e qualquer coisa, vamos ajeitar, pode ser?*

2. B: *Está ótimo!*

3. M: *Ok.*

(Depois de algum tempo de análise, há e alteração no projeto)

4. V: *Me parece já melhorou muito, né?*

5. B: *Ah, melhorou sim! Ni jue de ne?(olhando para a pesquisadora)*

6. M: *Bi ta gang kai shi jie shao de hao duo le, dan shi hai bu shi zui hao.  
(Comparando com o projeto que ela mostrou, já melhorou muito, mas ainda não é exatamente do jeito que quero.)*

7. B: *Man man lai. Zhe xu yao shi jian.  
(Tenha paciência, isso leva tempo.)*

8. M: *En.  
(hum..)*

9. V: *E aí?*

10. M: *Já está bem melhor, acho que somente mais UMAS reuniões já resolve. @*

11. V: *Lógico. Vamos marcar sempre aos sábados, né? Melhoramos o projeto até vocês ficarem satisfeitos. @*

A conversa acontece numa loja, entre os irmãos bilíngües e uma vendedora de móveis, enquadrada como conversação comercial e consulta de opiniões particulares familiares. M e B estão analisando projetos de móveis sob medida, já que se mudaram de apartamento re-

centemente. Ambos vão até uma loja de móveis e conversam com uma vendedora. Como estão num ambiente com a participação da vendedora brasileira que é monolíngüe-português, a língua-base dessa conversação é português.

A parte de abertura da conversa é iniciada com uma sugestão do projeto dos móveis em português pela vendedora monolíngüe (turno 1), e a sugestão é aceita pelos irmãos com o mesmo código (turno 2 e 3). Já na parte do desenvolvimento, quando B quer saber a opinião de M, ele muda seu código de comunicação do português para o chinês (turnos 5 a 8), a língua nativa e preferencial dos irmãos; essa alternância tem a função de excluir a vendedora da conversação entre ambos. Aqui, há mudança de *footing*, o enquadre passa a ser uma conversa particular familiar. Com as idéias trocadas, os irmãos mudam seus códigos novamente para o português e se despedem da vendedora (turnos 10).

O exemplo mostra o papel do uso muito típico de alternância de código, com a intenção de excluir alguém, mesmo na presença desse monolíngüe. Isso é um dos papéis funcionais da alternância de código e, como se viu, a interação passa a ocorrer apenas entre parte dos presentes, o que implica realinhamento ou mudança de *footing*.

Observa-se ainda que, ao alternarem para o chinês, os irmãos fazem-no com sentença inteira, o que é designado de *code-switching extra-sentencial*. Quando se refere a assunto particular, os locutores preferem manter a intimidade e privacidade, por isso não há emprego de unidades do português em meio ao chinês. Pode-se também observar isso na seguinte vinheta.

### **Vinheta 15: Em casa**

(Situação: A pesquisadora M e uma amiga brasileira, R, estão jogando ping-pong, e de repente o telefone toca)

1. M: Bing, *atende o telefone aí, por favor.*

.....

(Minutos depois, B sobe até a sala de jogo e conversa com M)

2. M: *Quem ligou?*

3. B: Pan tai tai.

*(Sra. Pan)*

4. M: Shuo shen me?

*(O que ela falou?)*

5. B: Ta shuo dai hui lai da ping pang qiu.

*(Ela disse que vêm jogar o ping-pong daqui a pouco.)*

6. M: *É? Legal. R, tem mais um casal chinês vai vir para jogar com a gente.*

7. R: *Que bom!*

A conversa acontece na seguinte situação: num final de semana, R, uma amiga brasileira de M, foi por ela convidada para jogar *ping-pong* na casa dos irmãos. No meio do jogo, o telefone toca. Para não interromper o jogo, M pede a B para atender ao telefone.

Observa-se que a bilíngüe M inicia a conversa em português, e não em chinês, por estar diante de uma amiga monolíngüe dessa língua, com respeito à amiga e a intenção de mantê-la à vontade em sua casa (turno 1). Na parte do desenvolvimento, M troca umas palavras com seu irmão, usando português (turno 2); porém, quando ela fica sabendo que a ligação foi de uma amiga chinesa (turno 3), ela altera seu código para chinês (turno 4), pois não sabe do que trata o conteúdo da ligação, que pode ser um assunto particular. Aqui, a alternância de código é claramente utilizada para excluir a amiga monolíngüe da conversação entre M e B. E só na parte final da conversa, depois de saber do conteúdo do telefonema, a pesquisadora muda o código, retornando ao português (turno 6) em respeito à amiga brasileira, e comunica à amiga os novos participantes do jogo. Aqui, percebe-se claramente mudança de *footing* ligada à alteração de código, principalmente no que se refere à interação de M com R e com B. M alinha-se a R como amiga e, frente à restrição lingüística (monolingüismo português), evita o chinês. Mas ao alinhar-se a seu irmão, mesmo excluindo R, alterna para o chinês. O enquadre muda de conversa entre amigos para conversa familiar e volta para conversa entre amigos, quando retornam ao português.

Além de excluir um interactante, a alternância de código pode estar ligada à valorização do conhecimento ou do papel social de um dos participantes da interação. É o que se observa nas duas vinhetas seguintes.

#### **Vinheta 16: Amendoim e “peanut”**

(Em casa, conversando sobre uma palavra em inglês)

1. # B: “Hua sheng” yin yu zen me shuo a?

*(Como se fala “amendoim” em inglês?)*

2. M: “*Peanut*”.
3. B: Ni ken ding?  
(*Tem certeza?*)
4. M: Bie wang la, wo ke shi *professora de inglês!*  
(*Não esqueça, sou professora de inglês!*)

Essa vinheta é retirada de uma conversa entre os irmãos B e M. Ambos estão relaxando e conversando na sacada, e comendo amendoim. De repente, B levanta a dúvida sobre o termo *hua sheng* (*amendoim*) em inglês. Inicia com uma pergunta em chinês (turno 1), a língua-base da conversa dos dois no momento. *Hua sheng* aqui é pista de contextualização no âmbito da conversa particular, conforme o enquadre consulta de informação sobre uso de uma determinada palavra. M dá a resposta correta (turno 2). No entanto, B mostra incerteza com a resposta (turno 3). Quando M percebe essa dúvida, ela emprega a expressão *professora de inglês* (turno 4), alterna seu código de interação verbal e destaca sua profissão, com um tom jacosco. Aqui, vê-se outro exemplo do papel funcional da alternância de código. Essa mudança de código tem a função de ajudar a aumentar a autoridade da pesquisadora M, como uma professora de inglês; ela tem certeza de que a expressão *hua sheng* é *peanut* em inglês, e B não deveria duvidar. O enquadre aqui modifica, passa de pedido de informações (turnos 1 e 2) para uma resposta com tom de brincadeira familiar, ressaltando a profissão da pesquisadora, para reforçar a afirmação anterior de M (turno 4). Essa vinheta mostra a alternância de código com papel funcional, servindo de *input* para a construção de inferências conversacionais.

A próxima vinheta mostra outro exemplo do papel funcional de alternância de código na vida cotidiana dos bilíngües.

### **Vinheta 17: FGTS**

(Em casa, conversando sobre FGTS)

- 1.# B: Wo dan xin FGTS.  
(*Estou preocupado com [sacar] FGTS.*)
2. M: Wei shen me? Rô shou mei wen ti de, ta shi *corretora de imóveis, ela já trabalhou muitos anos com imóveis.*  
(*Por quê? Rô diz que não tem problema, ela é corretora de imóveis, ela já trabalhou muito anos com imóveis.*)

3. B: *Mas ela não trabalhou com FGTS!* Qi shi you shang xian, guo liao shang xian jiu bu ke yi qu.

*(Mas ela não trabalhou com FGTS. De fato, tem limite de valor [do imóveis], se ultrapassou o limite, não pode sacar FGTS.)*

4. M: *É?*

Esse é um trecho da conversação entre os irmãos bilíngües. B está relatando a M sua preocupação com a compra do novo apartamento, relativamente ao uso do FGTS para pagamento de parte do imóvel. B quer comprar um apartamento novo, e sacar FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) como parte do pagamento. Porém, está preocupado e comenta isso com M (turno 1) em chinês, referindo FGTS no fim do turno. O enquadre aqui é discussão sobre pagamento, e FGTS contextualiza a conversa no âmbito das relações comerciais brasileiras. A irmã M inicia seu turno (2) em chinês, desqualificando a dúvida do irmão, mas alterna para o português ao sustentar seu argumento. Além de estar ligado à vendedora, isso reforça sua confiabilidade, aumenta a autoridade da corretora de imóveis no assunto em questão. Na opinião de M, a corretora de imóveis sabe tudo sobre seu negócio, incluindo sacar FGTS para pagar imóvel. B (turno 3) retruca em português discordando de M, e, ao alternar para o chinês, realinha-se a M como irmão que explica algo, fazendo-o na língua materna de ambos. Para B, Rô tem autoridade sobre negócios de imóveis, mas não sobre FGTS, pois ela nunca trabalhou com FGTS. De fato, ele sabe que o FGTS tem muitas regras, e é normal que os corretores de imóveis não saibam de tudo sobre o assunto. M (turno 4) concorda e, ao mesmo tempo, demonstra surpresa com *É?*, do português, com que finaliza esse trecho de conversa sobre algo ligado às práticas sociais de ambos no Brasil.

Essa vinheta nos mostra que as alternâncias de código podem ser utilizadas para aumentar ou diminuir a autoridade de uma pessoa.

Nas próximas duas vinhetas, procura-se discutir outros papéis importantes da alternância de código: para dar continuidade à conversa, ou para corrigir falhas lingüísticas. Em ambas as vinhetas, alterna-se do chinês para o português após a ocorrência de unidade lexical em Língua Portuguesa. Esta contextualiza a conversa em torno de práticas sociais realizadas no Brasil, de vivências brasileiras.

**Vinheta 18: Na sinalização**

(No carro, B está dirigindo)

1. = M: Wo men shi bu shi *sig*a livre ne?  
(*Estamos na sig*a livre?)
2. B: Não.
3. M: Ah, tá bom! Então, é só esperar.
4. B: Hum.

O diálogo acontece entre a M e o B, dentro do carro. No turno 1, M emprega *sig*a livre, enquadrando a conversa em conferência/alerta de sinal de trânsito das estradas brasileiras. B (turno 2) alterna para o português, língua que segue sendo empregada nos demais turnos (3 e 4). Além de dar continuidade à conversação em português, B reforça seu conhecimento dos sinais e das regras de trânsito brasileiras, o que é inferido por M.

**Vinheta 19: Decoração de Natal**

(Em Gramado)

1. M: Wo zai *Caxias* de yi ge *distrito* kan dao lê he zhe ge hen xiang shi de dong xi.  
(*Eu vi algo parecido com isso num distrito de Caxias.*)
2. B: O *minimundo*?
3. M: *Isso mesmo, muito lindo.*
4. B: Hum.:

A conversa ocorre durante um passeio a Gramado. Os irmãos bilíngües B e M conversavam em chinês até que M introduz as unidades *Caxias* e *distrito* em sua fala (turno 1), o que desencadeia o comentário de B em português sobre o *minimundo* (turno 2), tendo este merecido apreciação em português também (turno 3). Novamente, além de dar continuidade ao trecho do diálogo em português, a conversa gira em torno de experiências brasileiras, a que o emprego da linguagem está intimamente ligado e viabiliza a construção de sentidos referentes à realidade imediata.

## 5.5 Estrutura gramatical

As línguas analisadas neste trabalho são o chinês e o português, uma oriental e outra ocidental. Elas têm origens diferentes, possuem estruturas gramaticais distintas. A alternância de código entre essas línguas cria relações gramaticais peculiares, que merecem ser abordadas neste estudo.

Quando um bilíngüe chinês-português como M e B, sujeitos do presente estudo, usa a língua X, o português, como a língua-base de uma dada interação, pode manter as estruturas gramaticais da língua Y, chinês, sua língua materna, mesmo mediante o emprego da Língua Portuguesa. Em outras ocasiões, quando há alternância em uma parte do enunciado para a língua X, essa parte segue as estruturas da língua Y, como as demais, em Y. Para ilustrar essa idéia, pressupõe-se que a sentença original da língua X possui vários elementos, que são denominados  $X_1, X_2, \dots, X_n$ , em seqüência gramatical de X:

$$X_1 X_2 \dots X_{i-1} X_i X_{i+1} \dots X_n$$

Onde um elemento  $X_i$  é alterado para língua Y (como elemento  $Y_i$ ), a sentença normalmente mantém a estrutura original da língua X:

$$X_1 X_2 \dots X_{i-1} Y_i X_{i+1} \dots X_n$$

Nesse caso, percebe-se que, mesmo com a troca do elemento  $X_i$  pelo  $Y_i$ , a estrutura da sentença X não se modifica e continua mantendo sua estrutura gramatical original. Entretanto, se o elemento  $Y_i$  possui outros sub-elementos, eles seguem a estrutura gramatical da língua Y, em vez da língua X. Propõe-se chamar esta situação de “Lei de conservação de gramática original”, isto é, cada código segue sua gramática e lógica própria, mas a estrutura principal da sentença é definida pela língua-base do enunciado.

Nesta seção, concentra-se o estudo nos aspectos gramaticais dos trechos alternados nessas situações. Apresentam-se três vinhetas para mostrar várias situações de comunicação verbal com esse tipo de ocorrência lingüística.

### Vinheta 20: Em casa

(Sobre a VT)

1.# M: Ni kan dao wo ji gei ni de VT mei you?

- (Você viu o VT que te enviei?)
2. B: Kan le. Wei shen me *fundo é cor verde* ne?  
(Vi. Por que o fundo é cor verde?)
3. M: Também achei estranho, wo yi jin he agência shuo le, wo jue de *vermelho é melhor, o que acha?*  
(Também achei estranho, já falei com a Agência, acho que vermelho é melhor, o que [você] acha?)
4. B: Hum.: *é melhor*. Ni rang ta men kan kan, ye xu yong *Outdoor* de layout seria mais interessante.  
(Hum, é melhor. Mas converse com eles, talvez utilizando o mesmo layout do *Outdoor* seria mais interessante.)
5. M: Ah, *é verdade*. Não tinha pensando nisso! He *Outdoor*, panfletos combinar zui hao, tong yi yi qie.  
(Ah, é verdade. Não tinha pensando nisso! Se puder combinar com *Outdoor*, panfletos, será melhor, segue a mesma linha de divulgação.)
6. B: Zhe yang *divulgação* de xiao guo ye xu geng hao.  
(Assim talvez o resultado da divulgação seria melhor.)
7. M: Wo xia wu zai he ta men tan tan, rang ta men xiu gai xia.  
(Vou reunir com eles hoje à tarde, vou pedir eles fazer algumas alterações.)
8. B: Legal.
9. M: VALEU! Obrigada. @
10. B: Vamos ver como fica o novo layout.

Os bilíngües M e B conversam, em casa, sobre VT da televisão e sobre o *layout* do *Outdoor* da divulgação do curso de Língua Chinesa da escola de idiomas da pesquisadora. Enquadra-se a conversa como troca de idéias sobre assunto profissional.

M inicia o diálogo com o seu interlocutor usando sua língua-base, o chinês (turno 1), o bilíngüe B dá a réplica com o mesmo código, porém, emprega algumas inserções do código português *fundo é cor verde* (turno 2) no fim, já que começa a tratar de um assunto profissional no seu dia-a-dia, e esses assuntos sempre são tratados em português, pois a maioria dos seus alunos são monolíngües brasileiros. M segue o mesmo raciocínio, e, dando continuidade à conversa usando também português no início do terceiro turno, porém, no meio da mesma frase, ela usa chinês e retorna para português no final; assim, B dá continuidade à conversa

usando o mesmo código português *hum:: é melhor* no início do próximo turno, 4. As misturas e mudanças de código se repetem e acontecem com frequência nessa interação verbal.

No turno 2, o interlocutor B pergunta para sua locutora M:

20.a: Wei shen me ***fundo é cor verde*** ne?  
(*Por que o fundo é cor verde?*)

Nesse caso, o código é alterado para destacar o problema perguntado. Comparemos essa frase alternada com sua língua-base em chinês, que será:

20.b: Wei shen me **bei jing shi lü se** ne?

onde:

**bei jing shi lü se** = ***fundo é cor verde***

Nessa situação, a expressão *fundo é cor verde* é dita em **bei jing shi lü se**.

Aqui, pode-se observar que o turno (20.a) tem mantida sua estrutura principal em chinês, devido a ela ser a língua base da conversa e da frase. Se o interlocutor mudasse o código português em 20.a de volta para chinês, ou seja, substituísse ***fundo é cor verde*** pela **bei jing shi lü se**, a sentença aparentemente ficaria correta e perfeita em chinês, porém, o interlocutor tem a preferência de usar português nessa expressão, já que se trata de um assunto profissional que envolve totalmente o ambiente brasileiro. Verifica-se esta oração:

20.c: ***fundo é cor verde***

A expressão é totalmente adaptada, em sua seqüência gramatical, ao português. Em Língua Portuguesa, o adjetivo geralmente é colocado depois do substantivo, como por exemplo, *cor verde*. Mas, na gramática chinesa, o adjetivo sempre vem na frente, por exemplo: **lü** (verde) **se** (cor).

Essa oração com código alternado mostra que a estrutura principal da sentença geralmente segue a ordem gramatical da língua-base (20.a), porém, o código alternado segue a gramática da segunda língua L2 (20.c), apesar de ela ocupar o mesmo papel do código original da sentença principal.

Observa-se a oração dita pelo bilíngüe B no turno 4:

20.d: Ye xu yong **Outdoor** de **layout seria mais interessante**.  
(*Talvez utilizando o layout do Outdoor seria mais interessante.*)

Nesse caso, a estrutura em chinês ficaria:

20.e: ye xu yong **guang gao pai** de **she ji hui geng you yi yi**

onde:

**guang gao pai** (substantivo) = *outdoor* (substantivo)

**she ji** (substantivo) = *layout* (substantivo)

**hui geng you yi yi** (complemento) = *seria mais interessante* (complemento)

Os códigos alternados (português) não mudam a seqüência original do chinês. Isto é, se alternassem-se os códigos de português (no turno 4, reescrita em 20.d) para chinês, a sentença ficaria perfeita em chinês (20.e), porém, errada em português.

Conforme a gramática chinesa, a expressão é dita:

20.f: **guang gao pai** (*outdoor*) de **she ji** (*layout*)

Mas em português, se diz:

20.g: *layout do Outdoor*

Pode-se perceber que a ordem da estrutura gramatical dessas duas línguas é totalmente contrária (20.f e 20.g). Segue a gramática chinesa, a palavra modificadora **guang gao**

**pai** (*outdoor*) fica antes da palavra principal (a ser modificada) **she ji** (*layout*), e é conectada pela preposição *de* (*de, do, da, dos* ou *das*: indicador da forma de posse), ao contrário da estrutura gramatical do português. No entanto, no turno 4:

20.h: **Outdoor** de **layout**

O código alternado somente fez a substituição das palavras chinesas **guang gao bai** pela *outdoor* e **she ji** pela *layout*, a seqüência gramatical continua sendo chinesa.

Na oração final do mesmo turno:

20.i: **seria**(verbo) **mais**(advérbio) **interessante** (adjetivo)

É seguida completamente a estrutura da Língua Portuguesa, pois trata-se do código português. Na sentença principal, ele faz o mesmo papel da frase original em chinês:

20.j: **hui** (modal verbo) **geng** (advérbio) **you** (verbo) **yi yi** (adjetivo)

Entretanto, se comparassem-se as orações em chinês e em português (20.i e 20.j), elas têm estruturas totalmente diferentes. Primeiramente, o português usa somente um verbo **seria**, mas em chinês tem-se que usar dois verbos (**hui** - modal verbo e **you** - verbo), pois existe conjugação de verbo na Língua Portuguesa, isto é, somente com verbos conjugados se podem representar diferentes significados e modificar modos de falar dos participantes da conversa. Mas em chinês, os verbos sempre ficam na forma infinitiva e nunca modificam. Para expressar a idéia **seria**, precisa-se usar outro verbo modal para auxiliar a expressão. Segundo, o advérbio **geng** (*mais*) fica na frente do verbo principal **you** (*ter*), isso é diferente em Língua Portuguesa.

Em seguida, procura-se analisar o turno 5, que essa frase pode ser dividida em duas partes, a frase

20.k: *Ah, é verdade. Não tinha pensando nisso!*

está 100% em código português e segue a estrutura da gramática dessa mesma língua. Já a outra parte:

20.1: He *Outdoor*, *panfletos combinar* zui hao, tong yi yi qie.

(*Se puder combinar com Outdoor, panfletos, será melhor, segue a mesma linha de divulgação.*)

é uma frase com língua-base em chinês, e assim é mantida a estrutura da gramática chinesa, somente algumas palavras como *Outdoor*, *panfletos* e *combinar* são mudadas para o português. Essa mesma situação se repete também no turno 6.

A próxima vinheta também nos mostra as estruturas diferentes de alternância entre chinês e português.

### **Vinheta 21: Assistindo TV e fazendo comentários**

(Sobre “Big Brother Brasil 7”)

1.\* M: Wo jue de *Reality Show* you ta zi ji hen *charmoso* de di fang.

(*Eu acho que Reality Show tem seu lado charmoso.*)

2. B: É? Wei shen me?

(*É? Por quê?*)

3. M: Yin wei ta shi ge *caixa de surpresas*, ni nunca zhi dao o que vai acontecer!

(*Porque é uma caixa de surpresas, você nunca sabe o que vai acontecer!*)

Essa é uma interação verbal entre os bilíngües irmãos em casa, sobre o programa “Big Brother do Brasil”. M inicia seu comentário em chinês, mas com a inserção do código em inglês e português: *Reality Show* e *charmoso* (turno 1). A primeira unidade é assim empregada em português, e adaptando-se a pronúncia de *Reality Show* ao padrão fonético brasileiro. Para os irmãos bilíngües, não é um empréstimo, mas, uma palavra do português como qualquer outra, e brota de forma mais natural que expressá-la em chinês *zhen shi biao yan*. Já a segunda palavra é um elogio, e mostra o pensamento e a emoção da locutora.

Em seguida, percebe-se que a pergunta do interlocutor B é formada por duas partes: uma parte é feita em português *É?*, mostrando o sentimento de dúvida, e a outra pergunta, em

chinês, *wei shen me?* (*por quê?*), quer saber a razão (turno 2). O que se pretende é chamar a atenção à frase 3, na qual M diz:

21.a: Yin wei ta shi ge ***caixa de surpresas***, ni ***nunca*** zhi dao ***o que vai acontecer!***  
(*Porque é uma caixa de surpresas, você nunca sabe o que vai acontecer!*)

Comparamos essa frase alternada com inserção do código português, e a frase de língua-base, o chinês:

21.b: Yin wei ta shi ge ***hei he zi***, ni ***yong yuan bu*** zhi dao ***shen me hui fa shen!***  
(*Porque é uma caixa de surpresas, você nunca sabe o que vai acontecer!*)

onde:

***hei he zi*** = *caixa de surpresas*  
***yong yuan bu*** = *nunca*  
***shen me hui fa shen!*** = *o que vai acontecer!*

Observa-se que, as palavras portuguesas substituem as chinesas no mesmo lugar, ocupando o mesmo papel. A sentença principal preserva a estrutura gramatical em chinês. Entretanto, as partes alternadas para português (*caixa de surpresa* e *o que vai acontecer*) seguem totalmente a seqüência gramatical em português, sem nenhuma inferência pelo código chinês na estrutura principal. Vamos analisar a segunda oração do 21.c:

21.c: ***caixa de surpresas***

A oração original em chinês dessa expressão é:

21.d: ***hei*** (preto) ***he zi*** (caixa)

Comparando as orações 21.c e 21.d, pode-se descobrir que a seqüência gramatical em português é totalmente diferente daquela do chinês, pois, em português, a palavra principal (*caixa*) fica na frente, e a palavra modificadora *surpresas* vem depois dele, isto é, o substantivo fica na frente do adjetivo. Mas, na gramática chinesa, a palavra principal (*he zi*)

vem depois da palavra modificadora (*hei*), isto é, o adjetivo vem na frente do substantivo. Isso mostra mais uma vez que os códigos alternados, no lugar dos códigos de língua-base original, geralmente seguem sua gramática própria.

Verificamos também o seguinte código alternado:

21.e: *nunca*

Esse termo em chinês seria:

21.f: *yong yuan* (sempre) *bu* (não)

Em português, usar somente uma palavra *nunca* já é suficiente para representar a idéia, mas, em chinês, não existe uma única palavra que mostre esse significado, isso tem a ver com a filosofia, o pensamento e a formação de palavras distintas entre as línguas orientais e ocidentais.

Em português, as palavras são escritas com 23 letras. Muitas vezes, para expressar um determinado significado, não importa se é uma expressão afirmativa ou negativa, as palavras são criadas individualmente, como *sempre*, *nunca*. Mas a língua chinesa é uma língua ideográfica, não existem as letras, os ideogramas são formados pelos símbolos individuais, e as palavras são geralmente compostas por combinações de símbolos. A combinação de diferentes símbolos pode trazer significados totalmente diferentes. Por exemplo, na Língua Chinesa, existe a palavra: *yong yu* (*sempre*), mas não há símbolo que significa *nunca*. Para expressar a idéia da expressão *nunca*, a Língua Chinesa utiliza o símbolo *bu* (*não*) para negar *yong yu* (*sempre*), ou seja, *yong yuan bu* significa *nunca*. Nesse caso, vê-se que a alteranância de código fica mais “econômica” (com menos unidades lexicais) e fácil do que o seu código original em chinês.

A seguinte oração também mostra claramente essa idéia:

21.g: *o que vai acontecer!*

Compara-se com sua expressão original em chinês:

21.h: *shen me* (o que) *hui* (vai) *fa shen* (acontecer)!

Vê-se que a seqüência gramatical em português e em chinês é exatamente idêntica nesse caso. O que se quer mostrar é que, mesmo com duas línguas aparentemente bem distintas, tendo lógicas e pensamentos gramaticais totalmente diferentes, podem existir casos das seqüências gramaticais idênticas, embora isso não seja muito comum entre línguas distantes.

Vale a pena ressaltar que esse caso de estruturas semelhantes entre duas línguas bastante distantes deve-se ao fato de as expressões serem de língua coloquial, e não formal:

sujeito + (auxiliar do futuro de verbo) + verbo

Aqui, o auxiliar de futuro do verbo é o código português *vai*, que está em forma coloquial, o que não seria usado numa situação formal.

Essa fórmula é uma estrutura básica na maioria das línguas, sem a interveniência de outras formas lingüísticas, como substantivo, adjetivo, advérbio, etc., a estrutura básica gerou essa seqüência gramatical idêntica.

Percebe-se que, mesmo havendo seqüências gramaticais semelhantes, ainda se podem encontrar leves diferenças nessas frases. A palavra *vai* é conjugação do verbo *acontecer*, na terceira pessoa do singular, mostrando a idéia de futuro em uma comunicação informal e coloquial. Já a palavra *hui* em chinês é um verbo que está na forma infinitiva e não sofre a conjugação de verbos, pois, na Língua Chinesa, os verbos não se conjugam, independentemente do tempo, do modo, ou do sujeito.

Portanto, essa substituição de palavras é algo relevante e acontece com freqüência na vida cotidiana do bilíngüe. Esses exemplos mostram um fenômeno interessante de alternância de código. Se a estrutura principal das sentenças de duas línguas é semelhante no que se refere à ordem de itens lexicais, o bilíngüe pode perfeitamente conviver com isso, e ambos os lados não serão prejudicados no seu entendimento interacional.

A seguir, analisa-se outra vinheta e procura-se entender o importante papel gramatical em relação à alternância de código.

**Vinheta 22: Em casa**

(Conversando sobre o *junker* [aquecedor de água a gás])

1. # M: Ni de kan kan na ge *junker*, wo jin tian zao shang kai re shui de shi hou mei you *ligar*.  
(*Você tem que dar uma olhada naquele junker, hoje de manhã tentei usar água quente, mas não ligou.*)
2. B: É? Ke neng shi *pilha acabou*.  
(*É? Talvez porque a pilha acabou.*)
3. M: Não sei, você dê uma olhada?
4. B: Ok. Wo dai huir kan kan.  
(*Ok, Vou verificar daqui a pouco.*)

A vinheta é uma conversa entre M e B em casa, sobre o *junker*, que está com problema. M não sabe o que está acontecendo, por isso pede a B para verificar qual é (no fim, o problema foi resolvido pela troca de pilha).

M inicia sua fala usando a língua-base, o chinês, a língua de preferência dos irmãos bilíngües; no meio da frase, emprega alguns termos usados em português, *junker* e *ligar* (turno 1). Para destacar o problema, seu interlocutor B dá a réplica com códigos alternados entre português e chinês (turno 2). O primeiro código é alternado para o português *É?* mostrando sua surpresa, e no mesmo turno, a segunda parte *pilha acabou* para destacar a possível causa. Já no turno 3, M alterna totalmente o código para o português, para dar a continuidade à conversa. Aqui, o enquadre muda de um simples comentário para um pedido informal, e que é aceito por seu interlocutor B no turno 4, com o código chinês.

Observam-se os códigos alternados para português no turno 1:

22.a: Ni de kan kan na ge ***junker***, wo jin tian zao shang kai re shui de shi hou mei you ***ligar***.  
(*Você tem que dar uma olhada naquele junker, hoje de manhã tentei usar água quente, mas não ligou.*)

Compare-se essa frase com a expressão em chinês:

22.b: Ni de kan kan na ge ***jia re qi***, wo jin tian zao shang kai re shui de shi hou mei you ***qi dong***.

onde:

***jia re qi*** = ***junker***

***qi dong*** = ***ligar***

Observa-se que os códigos alternados não modificaram a seqüência gramatical da sentença original em chinês, tanto para o substantivo ***jia re qi*** (*junker*) quanto para o verbo ***qi dong*** (*ligar*). Nota-se também que *junker* é uma palavra emprestada do inglês no português, mas, para o chinês, é uma palavra estrangeira qualquer. *Junker* é uma unidade lexical única, mas esse termo em chinês ***jia re qi*** é formado por três unidades lexicais como *jia* (*colocar/aumentar*), *re* (*quente*), e *qi* (*equipamento*), ou seja, ***jia re qi*** (*equipamento de aquecimento*).

Convém verificar a próxima frase.

22.c: ***É?*** Ke neng shi ***pilha acabou***.

Compare-se-a com a expressão em chinês:

22.d: ***Shi ma?*** Ke neng shi ***dian chi meiyou la***.

onde:

***shi ma*** = ***é***

***dian chi meiyou la*** = ***pilha acabou***

Observa-se que, nas alternâncias de código, permaneceram as seqüências gramaticais da língua-base: o chinês. A primeira parte da sentença é formada por uma única unidade lexical (***É***) em português. Já a segunda parte é uma oração de estrutura comum a muitas línguas. Dentro dessa frase, o código alternado é:

22.e: *pilha acabou*.

Comparemos com a frase em chinês:

22.f: *dian chi* (pilha) *meiyou la* (acabou)

As duas orações, tanto em português quanto em chinês, possuem seqüências gramaticais semelhantes, por se tratar de uma estrutura gramatical bem comum nas línguas:

substantivo + verbo

Todos esses exemplos mostram que, embora sejam duas línguas bastante diferentes, pode-se observar que existem estruturas gramaticais comuns entre elas, com a mesma seqüência gramatical, principalmente nas estruturas simples, embora não seja um fenômeno comum em todos os casos. Em geral, línguas bastante distantes, como o chinês e o português, apresentam sempre mais estruturas gramaticais relativamente diferentes, por diferentes fatores nas culturas, nas lógicas e nos pensamentos.

## 6 CONCLUSÃO

O trabalho que ora se encerra nasceu do desejo de estudar linguagem e cultura. O grupo focado foi o de imigrantes chineses no Rio Grande do Sul e o objeto de análise, a alternância de código chinês-português. Os desafios foram grandes desde o princípio, dado o pequeno contingente populacional a ser abrangido e a ausência de registros escritos sobre esse grupo de imigrantes que vem contribuindo, a seu modo, para escrever a história do estado. É por isso que não se pode deixar de afirmar, no fechamento do estudo e antes de qualquer outra conclusão, o fato de se considerar satisfatório o empreendimento feito.

Neste trabalho, registram-se relatos da história de imigrantes chineses; durante três meses, gravaram-se conversas em interação na vida cotidiana da família chinesa da própria pesquisadora, entre M e seu irmão, B, bilíngües chinês-português, com amigos chineses e brasileiros, e foram feitas anotações de campo. O total de 20 horas de gravação em áudio sofreu uma primeira sistematização em vinhetas. Essas, por si só, já revelam o universo de interesses e necessidades comunicativas que motiva o emprego da Língua Portuguesa pelos sujeitos da pesquisa, cuja interação verbal se dá, geralmente, em chinês. As vinhetas foram agrupadas em quatro categorias: tecnologia de informação, cultura, situações emocionais, papel funcional. Um quinto grupo de vinhetas foi analisado no que se refere ao impacto do chinês sobre o português empregado em formas e seqüências alternadas.

A análise dessas categorias de vinhetas, realizada na perspectiva da sociolinguística interacional, revelou que a alternância de código, circunscrita a temas e a necessidades expressivas ligadas à tecnologia, a diferenças culturais, à expressão de emoções, aos usos funcionais, é pista para o enquadre de eventos interacionais pela conversa de acordo com as práticas sociais brasileiras, embora isso ainda seja feito na perspectiva oriental. Isso se reflete na própria estrutura das seqüências alternadas para o português, em que traços gramaticais do chinês se fazem presentes de forma marcante. Vale a pena ressaltar que, pela “Lei de conservação de gramática original” proposta neste trabalho, numa sentença completa com alternância de código, há a preservação da estrutura gramatical de origem, da língua-base chinesa, na língua alternada, o português; a situação contrária também ocorre, mas em menor grau.

O viés chinês é percebido em diferentes práticas sociais dos sujeitos da pesquisa, conforme sugerem os trechos de interação verbal analisados. Como se afirmou anteriormente, as relações sociais desses imigrantes tendem a ser etnicamente endógenas. Apesar do sucesso profissional e do convívio com brasileiros em ambiente profissional, os chineses e descendentes possuem um convívio de grupo intenso, e preservam tradições. Falam português, mas em grupos sociais sino-brasileiros, a fala em mandarim ou dialeto é a preferida. Essa situação pode vir a mudar em breve, nas gerações futuras, haja vista o comportamento de descendentes de imigrantes chineses nascidos no Brasil. Embora não analisados no presente estudo, sabe-se que entendem chinês e não falam, ou não falam e tampouco compreendem a língua dos antepassados. No caso dos sujeitos aqui estudados, a alternância de código é comportamento de bilíngües, que dão lugar à Língua Portuguesa, sem, no entanto, deixar de praticar o chinês.

Mediante este estudo, percebeu-se que, embora o número de imigrantes chineses no Brasil venha crescendo, ainda é um grupo menor perante outros imigrantes, como italianos, japoneses, etc. Os imigrantes chineses que vivem neste País estrangeiro costumam reunir-se e conviver entre si, mantendo suas tradições e costumes, mas cabe notar que, mesmo numa conversa entre imigrantes chineses, o código usado não é somente o chinês, os casos de alternância para o português acontecem com frequência.

China e Brasil são dois países grandiosos e em crescimento. Embora, pela sua localização geográfica – um na Ásia e outro na América Latina – estejam distantes, existe um forte desejo de aproximação entre os povos brasileiro e chinês. Juntos, Brasil e China podem mudar o mundo inteiro. É fundamental que o povo chinês e o povo brasileiro conheçam um ao outro, se aproximem, que um ensine ao outro as variadas formas de compreender o mundo. Por exemplo, a História da China, com registros tão antigos, e a História do Brasil, com registros bem mais recentes, atraem grande curiosidade, e seu conhecimento modifica a visão recíproca entre brasileiros e chineses. Olhando ao redor, percebendo a vocação do Brasil e da China no presente, tão marcado por dilaceramentos, dores e esperanças, os dois povos possuem semelhanças e um pode ajudar o outro a crescer no cenário mundial.

Diante dessa realidade, estudos acadêmicos entre as línguas chinesa e portuguesa tornam-se importantes na área da lingüística. Como envolvem práticas lingüísticas baseadas em filosofias, culturas, pontos de vista distintos, as pesquisas acadêmicas sobre o assunto são

relevantes, embora complexas em sua realização. Espera-se que o presente trabalho tenha contribuído para esses estudos acadêmicos, preenchendo uma lacuna no que se refere à alternância de código chinês-português, também lançando luz sobre as estratégias conversacionais, culturalmente baseadas, empregadas pelos sujeitos bilíngües.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P.; LOMBELLO, L.C. *Identidade e caminho no ensino de Português para estrangeiros*. Campinas: Pontes, 1992.

ALVAR, Manuel. Dialetoлогия e sociolingüística: delimitação e limitações na abordagem ao fenômeno da variação. In: *Revista portuguesa de filologia*, Coimbra, Portugal, 1996-1997.

AUER, Peter. The pragmatics of code-switching: a sequential approach. In: MIRLOY, Lesley; MUYSKEN, Pieter (Org.). *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 115-135.

AUER, Peter. From code-switching via language mixing to fused lects: toward a dynamic typology of bilingual speech. In: *Introduction Journal of bilingualism*, v. 3, No. 4, 1999. p. 309-332.

BIRDWHILSTELL, R. *Kinesics and context*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1970.

BLOM, Petter Jan; GUMPERZ, John J. O significado social na estrutura lingüística – alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). *Sociolingüística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 45-84.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.

BOURDIEU, Pierre. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BROWN, H. Douglas. *Teaching by principles*. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.

BROWN, Penelope; LEVISON, Stephen. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DABÈNE, Louise & MOORE, Danièle. Bilingual speech of migrant people. In: MILROY, Lesley; MUYSKEN, Pieter (Org.). *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 17-44.

DE HEREDIA, Christine. Do bilingüismo ao falar bilingüe. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (Org.). *Multilingüismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. p. 177-220.

DI, Pietro, R. Code-switching as a verbal strategy among bilinguals. In: *Current themes in linguistics: bilingualism, experimental linguistics and language typologies*. Washington: Hemispgere Publishing, 1977.

DU BOIS, John W., CUMMING, S., SCHUETZE-COBURN, S. & PAOLINO, D. *Discourse transcription*. In: *Santa Barbara papers in Linguistic 4*. Santa Barbara: University of California, 1992.

- DURKHEIM, Emile. *A Divisão social do trabalho*. Lisboa: Presença, 1977.
- DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. Trad. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, 11. ed. São Paulo: Nacional, 1984.
- FERGUSON, Charles A. *Diglossia*. *Word* 15, 1959. p. 325-340.
- FERGUSON, Charles A. Editor's introduction: special language registers. In: *Discourse Processes*, v. 8, 1985. p. 391-394.
- FILLMORE, C. J. The need for a frame semantics within linguistics. In: *Statistical methods in linguistics*. Stockholm: Skriptor, 1976. p. 5-29.
- FISHMAN, Joshua. Who speaks what language to who and when? In: *La linguistique*, v. 2, 1965. p. 67-88.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. DE NETZ, Sandra. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FOLEY, William A. *Anthropological linguistic – An introduction*. Malden, USA & Oxford, UK: Blackwell Publishers, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOFFMAN, Erving. One face work. IN: GOFFMAN, Erving (Org.). *Interaction ritual*. New York: Anchor Books, 1967a. p. 5-46.
- GOFFMAN, Erving. The natural of deference and demeanor. IN: GOFFMAN, Erving (Org.). *Interaction ritual*. New York: Anchor Books, 1967b. p. 49-95.
- GOFFMAN, Erving. Replies and responses. In: *Language and society*, v. 5, 1976. p. 257-313.
- GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). *Sociolingüística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 107-148.
- GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). *Sociolingüística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 13-20.
- GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. London: Harvard University Press, England, 1982.
- GROSJEAN, François. A psycholinguistic approach to code-switching: the recognition of guest words by bilinguals. In: MIRLOY, Lesley; MUYSKEN, Pieter (Org.). *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 259-275.

GUMPERZ, John J. *Language in social groups*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1971.

GUMPERZ, John J.; HYMES, D. *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, 1972.

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982a.

GUMPERZ, John J. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982b.

GUMPERZ, John J. On interactional sociolinguistic method. In: ROBERTS, C.; SARANGI, S. (Org.). *Talk, work and institutional order: discourse in medical, mediation and management settings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999. p. 453-471.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 149-182.

HAGÈGE, Claude. *A Criança de duas línguas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel H. *Bilinguality and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

HAUGEN, Einar. *The Norwegian language in América: a study in bilingual behavior*. Bloomington: Indiana University Press, 1969.

HEIDEGGER, M. *Being and time*. New York: Harper & Row, 1962.

HEYE, Jürgen. Sociolinguística. In: Pais, Cidmar Teodoro et alii. *Manual de linguística*. São Paulo: Global, 1986. p. 203-237.

HEYE, Jürgen; SAVEDRA, Mônica. *Considerações sobre o bilingüismo*. *Cadernos de letras*. n. 9, Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 54-58.

LEITE, José Roberto Teixeira. Introdução: A China no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999. p. 9-24.

LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LI, Wei; MILROY, Lesley. A social network approach to code-switching: the example of a bilingual community in Britain. In: MILROY, Lesley.; MUYSKEN, Pieter (Org.). *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 136-157.

MACKAY, William F. The description of bilingualism. In: Fishman, Joshua (Org.). *Readings in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

MACNAMARA John. How can one measure the extent of a person's bilingual proficiency? In: *Description and measurement of bilingualism: an international seminar* (1967). Toronto: University of Toronto Press, 1969. p. 80-97.

MACNAMARA John. Attitudes and learning a second language. In: *Language attitudes: current trends and prospects*. Washington: Georgetown University Press, USA, 1973. p. 36-40.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2003.

MARTINS, Cristina. Bilingüismo e manifestações verbais bilíngües: uma breve sinopse teórica. *Revista portuguesa de filosofia*. v. XX, 1996-1997. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1997. p. 63-125.

MIRLOY, Lesley; MUYSKEN, Pieter (Org.). *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MOITA LOPES, L. P. *Repensando métodos de investigação na sala de aula de inglês: entre o produto e o processo de ensino/aprendizagem*. Trabalho apresentado no VIII ENPULI, Brasília, 1988.

MYERS-SCOTTON, C. Common and uncommand ground: social and structural factors in code switching. In: *Language in society*. n.22, 1993. p. 475-503.

MYERS-SCOTTON, C. *Duelling languages. Grammatical structure in code-switching*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 1997.

PAVIANI, Jayme. *Cultura, humanismo e globalização*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes; ZILLES, Urbano (Org.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: Educs, 2001. p. 589-591.

POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

RATH, Rainer. *Kommunikationspraxis*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). *Sociolingüística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

RUBIN, Joan. *National bilingualism in Paraguay*. The Hague: Mouton, 1968.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. In: *Language*, v. 50, 1974. p. 696-735.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Isabel Almeida. Dialetologia e sociolingüística: delimitação e limitações na abordagem ao fenómeno da variação. In: *Revista portuguesa de filologia*, v. XX. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesa, 1996-1997. p. 23-62.

SCHEGLOFF, Emanuel, E. Sequencing in conversational openings. In: Gumperz, John, J.; HYMESS, Dell (Org.). *Directions in sociolinguistics*. New York: Holt, Reinehart & Winston. 1972. p. 346-380.

SCHIFFRIN, Deborah. Interactional sociolinguistics. In: *Sociolinguistics and language teaching*. 4. ed. New York: Cambridge University press, 1998. p. 307-328.

SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza Ensayo, 2001.

SIMMEL, Georg. *The sociology of Georg Simmel*. Trad. WOLFF, Kart, H. New York: The Free Press, 1950.

STECH, Ernest, L. The analysis of conversational topic sequence structure. In: *Semiotica*, v. XVII, 1982. p. 75-91.

TABOURET-KELLER, Andrée. Plurilingüismo e interferências. In: MARTINET, André, *Conceitos fundamentais da lingüística*. Lisboa: Presença, 1976. p. 289-293.

TABOURET-KELLER, Andrée. Questões relacionadas a uma psicologia clínica do bilingüismo. In: VERMES, G.; BOURTET, J. *Multilingüismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1987. p. 247-261.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). *Sociolingüística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 183-214.

VALDÉS, Fallis, G. Social interaction and code-switching patterns: a case study of spanish/english alternation. In: KELLER, G., TESCHNER, R.; VIERA, S. (Org.). *Bilingualism in the bicentennial and beyond*. New York: Bilingual Press / Editorial Bilingue, 1976.

WEINREICH, Uriel. *Language in contact*. The Hague: Mouton, 1968.

VIANA, N. *Variabilidade da motivação no processo de aprender língua estrangeira na sala de aula*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1990.

<http://www.answers.com/topic/ethos>

<http://www.consciencia.net/etni-cidade/chineses.htm>.

<http://greenapple2002.51.net/new/poem300/poem8.htm>

[http://www.mines.edu/~dazhong/image/china\\_map.jpg](http://www.mines.edu/~dazhong/image/china_map.jpg).